Num. 356 Sabbado 17 de Abril de 1915 Anno VIII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A COMMISSÃO DOS CINCO

P. R. C. versus Colligados

Antonio Carlos, regente.
Pinheiro pucha em secco. — Wenceslau finge Zé Povo.

CURA ASSOMBROSA ! !

COM O

ELIXIR DE NOGUEIRA

TERRIVEL SYPHILIS !

Curado pelo grande depurativo do sangue

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Candido Antonio de Oliveira

Bahia — Andarahy, 27 de Dezembro de 1913

Illmos. Snrs. Viuva Silveira & Filho

Amgs. e Snrs.

Neste momento em que me acho completamente restabelecido de uma terrivel syphilis que dia a dia ia minando o meu organismo, venho agradecer-vos a efficacia do vosso preparado «ELIXIR DE NOGUEIRA» do Pharmaceutico e Chimico João da Silva Silveira, o qual uzando apenas dois frascos, aconselhado pelo meu amigo Major Francisco Anthero do Valle, propagandista do referido preparado, me sinto completamente curado, podendo VV. SS. fazerem o uso d'esta como convier.

Sem outro assumpto, subscrevo-me com todo apreço e consideração.

De VV. SS. Amg.o Obrg.o

Candido Antonio de Oliveira

Testemunhas { *Paulino Teixeira*
Raul Dantas

Este grande depurativo do sangue, vende-se em todas as pharmacias, drogarias e casas de campanha ou sertão do Brasil e Republicas do Prata.

CASA MATRIZ

Pelotas - RIO GRANDE DO SUL - Caixa N. 66

Casa Filial e Deposito Geral

RUA CONSELHEIRO SARAIVA Ns. 14 e 16

Caixa do Correio 148 - Rio de Janeiro

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 24 de Abril

A's 3 horas da tarde — 300 - 16ª

100:000$000

Inteiros 8$000 — Decimos a $800

Sabbado, 1 de Maio

A's 3 horas da tarde
309 — 22ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

Sabbado, 8 de Maio

A's 3 horas da tarde
300 — 17ª

100:000$000

Inteiros 8$000 — Decimos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 o/0.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor n. 94. Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario, 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.

FOOT-BALL

Bollas Mc. Gregor Olympic

Camizas, calções, meias, Pneus, bombas e agulhas.

Collossal sortimento Recebeu de Londres a

CASA SPORTMAN

OURIVES, 25 — AVENIDA, 52

Rio de Janeiro

Peçam guias e regras de todos os Sports enviando 1$000 em sellos.

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

RUA OUVIDOR, 151 — RUA QUITANDA, 79

(Canto Ouvidor)

FILIAL: Rua Rosario N. 26 - S. Paulo

O Turf-Bolo e mais apostas sobre corridas de cavallos: **RUA DO OUVIDOR, 151**

«Elle», quando era pequeno

De uma feita, chorava desesperadamente no meio da rua. Approximou-se um transeunte compadecido e perguntou-lhe:

— Porque é que você chora assim, menino?

«Elle», depois de olhal-o um tanto emburrado, respondeu:

— O pa... pa... pae... ti... ti.... nha... me... me... da... da... do... do... um... um... tos... tos... tão... e... e... e... e... eu per.... per.... di... di...

E desatou a atroar os echos de novo.

O sujeito, penalisado, tirou do bolso um nikel e dando-lh'o disse:

— Não precisa você chorar mais. Aqui tem outro tostão.

«Elle» recebeu a moeda, mirou-a e remirou-a; encafuou-a na algibeira das calças e desatou a berrar ainda mais fortemente do que antes.

— Oh! pequeno, disse o sujeito escandalisado; pois eu já não lhe dei o tostão? Porque é que você ainda chora?

— Ih! Ih! Ih! Ih! Ih! E'... E'... porque... que... que... si... si... eu não ti... ti... ves... ves... se, perdi... di... di... do o outro... ago... go... gora ti-nha... nha... dois!

Locuções latinas

Recebemos duas cartas de missivistas que, pela letra e pela redacção nos parecem cultos, rogando-nos um e outro que não suspendamos a enumeração das locuções latinas iniciada no numero atrazado. Vamos satisfazer-lhes e a outros que, não o tendo manifestado, muito satisfeitos ficarão de poderem augmentar a sua capacidade de citação.

Um escripto polvilhado de expressões latinas dá ao seu autor ares de erudição. Mesmo os que não sabem essa lingua gostam de entremear a sua prosa de *ipso facto*, *mutatis mutandis* e quejandas locuções.

Vamos pois continuar a secção começando por uma citação de toda opportunidade.

Bella, horrida bella — Guerra, a horrivel guerra!

Bella matribus detestata — A guerra detestada das mães.

Bis repetita placent — As cousas repetidas agradam.

Carpe diem — Aproveita o dia de hoje.

Castigat ridendo mores — Corrige os costumes rindo. (Diz-se da Comedia.)

Casus belli — Caso de guerra.

Cedant arma togae — Cedam as armas á toga.

Consumatum est! — Está consumado.

Coram populo — Em publico.

Cuique suum — O seu a cada um.

Currente calamo — Ao correr da penna.

De gustibus et coloribus non disputandum — Sobre gosto e côres não convem discutir.

Deo juvante — Com a ajuda de Deus.

De plano — Sem difficuldade.

De visu — De vista.

Difficiles nugae — Bagatelas trabalhosas.

Dignus est intrare — E' digno de entrar.

Divide ut imperes — Divide para reinar.

Dura lex, sed lex — A lei é dura; mas é lei.

Ejusdem farinae — Da mesma farinha, da mesma qualidade.

Ense et aratro — Com a espada e com a charrua.

Epicuri de grege porcus — Porco da manada de Epicuro.

Errare humanum est — Errar é proprio do homem.

Est modus in rebus — Ha um termo em todas as cousas.

Et nunc erudimini — E agora ficai sabendo.

Ex abrupto — De sopetão.

Exequatur — Cumpra-se.

Extra muros — Fóra dos muros.

Ex ungue leonem — Pela unha se conhece o leão.

Facit indignatio versum — A indignação inspira versos.

Festina lente — Apressa-te lentamente.

Fiat lux — Faça-se a luz.

Finis coronat opus — O fim corôa a obra.

E corôa tambem a nossa lista hoje. O latim é preciso administrar-se homeopaticamente, por pequenas doses, sob pena de produzir graves indigestões cerebraes.

X.

Newton e o "o ovo de Colombo"

Num salão, em Petropolis, citavam-se varios casos de distracções celebres.

Um almirante reformado relembrou a conhecida passagem da vida de Newton:

— Estava certa manhã o grande philosopho tão profundamente absorvido no estudo de um difficultoso problema, que não quiz abandonar o trabalho para ir almoçar com a familia. O seu mordomo, porém, temendo que um longo jejum lhe abalasse a saúde, mandou ao seu gabinete de estudo um creado com um ovo e uma pequena caçarola cheia d'agua. O «fac-totum» foi avisado que aquecesse o ovo e ficasse no gabinete até o patrão bebel-o. Newton, porém, querendo ficar só, mandou o creado retirar-se, dizendo-lhe que elle aqueceria o ovo. O creado, depois de collocar o ovo junto do relogio, em cima da mesa e de recommendar ao patrão que o aquecesse durante um minuto, afastou-se. Mas, receiando que o philosopho tivesse esquecido, voltou pouco depois, e encontrou Newton, abstracto e pensativo, com o ovo na mão, e o relogio dentro da caçarola d'agua fervendo, junto á chaminé.

Quanto o almirante acabou de contar o caso, «Elle» empertigou-se todo e disse muito sériamente:

— Almirante, essa anedocta está mal contada, falta o fim. Newton bebeu o relogio e guardou cuidadosamente o ovo. Este episodio suggeriu-lhe a descoberta da America. E' o celebre «ovo de Colombo», ainda hoje conservado no Museu de Londres.

A SALVAÇÃO DAS CRIANÇAS

E' um alimento completo, isto é: Contem em si, o necessario para o sustento indefinido de uma creatura humana, sem o auxilio de qualquer outro alimento, pois tudo possue para a formação de tecidos, musculos e ossos fortes e sãos, e para o desenvolvimento da energia vital.

HORLICK'S é um pó inteiramente soluvel em agua quente ou fria. sua preparação é instantanea. Não precisa ser cosido nem é necessario que lhe addicione leite, ao contrario do que acontece com as chamadas farinhas lacteas que afinal nada mais são do que meios de modificar, mais ou menos imperfeitamente, o leite de vacca.

Os medicos são unanimes em reconhecer as grandes vantagens dos alimentos maltados, como base da nutrição das crianças pois o assucar da maltose, que em taes alimentos se encontra, é facilmente digerido e assimilado, o que não acontece com os demais assucares empregados vulgarmente no fabrico de alimentos infantis.

ASSIM POIS, á falta de leite materno, todas as crianças devem ser alimentadas com o LEITE MALTADO DE HORLICK'S, feito de leite puro de vaccas sadias e fortes, e dos extractos soluveis de cereaes maltados.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS E CASAS DE COMESTIVEIS

Unicos agentes para o Brazil: **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY.**

Rio de Janeiro e São Paulo

QUEM NÃO QUER SER FORTE?

Haverá quem não queira possuir um organismo forte, vigoroso e são, que permitta gozar completamente a vida? Não!... Não é assim?

A fraqueza physica acarreta a debilidade moral. Um ente fraco é uma creatura inutil, sem armas para enfrentar a lucta pela vida! TER SAUDE É SER RICO!

NER-VITA

produz os mais extraordinarios resultados na cura da debilidade generalisada. — Quando o organismo não funccionar como deveria, deve-se tomar NER-VITA, pois esse precioso xarope contém elementos phosphoricos que reforçam sobremodo os já absorvidos com a alimentação habitual.

O uso systematico de NER-VITA traz uma sensação de bem estar, augmenta o appetite e o poder digestivo, faz desapparecer por completo a depressão nervosa, e torna mais lúcida a intelligencia, mais facil a percepção!

Pequenas dóses de NER-VITA, tomadas regularmente ás refeições, augmentam prodigiosamente a vitalidade, conservando o corpo em perfeita saúde e dando-lhe verdadeira robustez.

A' venda, em frascos de 50 dóses approximadamente, em todas as Pharmacias e Drogarias.

Unicos agentes para o Brazil: **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY.**

Rio de Janeiro e São Paulo

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO. . . . . . . 15$000 | SEMESTRE. . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. — ESTADOS. . . . 400 Rs.

End. Teleg. Kósmos

Telephone N. 5341

N. 356 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 17 — ABRIL — 1915 — ANNO VIII

A FICÇÃO DA SOBERANIA POPULAR

Os homens são verdadeiras crianças grandes. O sorriso que contrahe os labios de um adulto, quando vê uma creança embalar com carinho a sua boneca, não tem razão de ser. A boneca é uma ficção, um bebê imaginario. Mas quantas ficções não vivemos nós eternamente a embalar? Haverá ficção maior do que a da soberania popular? No emtanto é sobre ella que assenta a organisação do Estado, o governo, o congresso, emfim o edificio politico da nação.

Vejam o que se está passando com a organisação do Congresso. Tome-se para exemplo a «eleição» do Districto Federal. Apresentam-se uma duzia de cidadãos, dizendo-se escolhidos pelo eleitorado soberano do Districto para seus representantes no Congresso da Nação. Ora estes homens que se dizem representantes do povo trazem as actas do pleito que lhes dão um ou dous mil votos em uma população de mais de um milhão? Um ou dous millesimos da vontade popular. Em uma associação de mil pessôas, aquelle que recebesse de seus membros um ou dous votos para represental-a, poder-se-ia dizer legitimo representante da corporação? Não, evidentemente. Pois é o que se passa com os srs. «deputados» do Districto Federal. Mas ha melhor. E' que, apesar de trazerem um bocadinho de votos, a maioria delles são falsos. Os jornaes citam nomes de cidadãos mortos, enterrados, que já receberam missas de setimo e do trigesimo dia, ou mesmo que já se mudaram ha annos para o outro mundo, e cujos nomes figuram nos livros eleitoraes do Districto como tendo votado. Mas já ninguem se escandalisa disso, porque toda gente sabe que o exercicio da soberania popular é uma fantasia, e ninguem a toma ao serio. Em taes condições só se podem considerar como legitimos os votos dos candidatos que não dispõem das mesas eleitoraes e nem tiveram em seu poder os livros — porque é evidente que candidatos officiaes não irão dar votos falsos aos seus adversarios. O sr. Gama Cerqueira, por exemplo, com algumas centenas de votos, é deputado muito mais legitimo do que o sr. Floriano de Brito com alguns milhares, pelo mesmo motivo que uma nota verdadeira de 10$000 é dinheiro muito mais legitimo que uma nota falsa de 100$000. Como esses são os outros candidatos.

Qual o motivo desse facto tão deprimente para o nosso paiz? Um, principalmente. E' que o mandato popular foi convertido em emprego publico, e o mais rendoso e commodo dos empregos. Se o deputado não recebesse subsidio, como succede em varios paizes, ou se o subsidio fosse apenas um auxilio modesto para os representantes do povo de poucos recursos, as eleições seriam mais moralisadas, e o Congresso representaria a vontade real do povo. Mas assim não é. Quem nomeia os deputados e senadores são os chefes politicos que dirigem a manipulação das actas. Os congressistas, por sua vez, procuram cada qual exceder ao outro em subserviencia ao chefe, afim de não perderem os 100$000 por dia, com ou sem o imposto. E' esse o principal motivo dos escandalos eleitoraes e da imprudencia das prorogações subsidiadas.

Um Congresso de papa-subsidios, de olhos pregados nos chefes que dirigem os reconhecimentos, não merece a confiança do povo que por isso se desinteressa da sua escolha e composição.

Ha certamente excepções; mas são tão poucas que não infirmam a regra geral; e que alem de geral, tende a tornar-se perpetua.

Anatomia em doses homeopathicas

Ossos — O esqueleto humano se compõe de 198 ossos, assim destribuidos: columna vertebral, 24; sacrum, coccyx, 2; craneo, 8; face, 14; osso hyoide, 1; costellas, sternum, 25; membro superior direito, 32; membro superior esquerdo, idem; membros inferiores — direito e esquerdo — 30 cada um.

Coração — O coração bate, na média, 70 a 86 vezes por minuto, mas as pulsações variam conforme a idade: ao nascer, 130; um anno, 120; tres annos, 90; sete annos, 85; na adolescencia, 80; na idade adulta, 75; na velhice, 65.

Sangue — O homem adulto tem sete litros de sangue. O sangue *negro* provem das veias: é carregado de acido carbonico, porque seu oxygenio foi queimado e encarregado de fornecer o calor vital. O sangue *vermelho* é o sangue fresco das arterias; perdeu o acido carbonico e purificou-se, ao contacto com os pulmões, com uma nova provisão de oxygenio, retirada do ar respiravel.

Temperatura — A temperatura média normal do adulto é de 37 gráos. Varia, porém, conforme as horas: á meia noite, 36°,5; ás 4 horas da madrugada, 36°,3; ás 8 da manhã, 36°,8; ao meio dia, 37°,2; ás 4 da tarde, 37°,4; ás 8 da noite, 36°.

Cerebro — Os nervos dos sentidos chegam ao cerebro; os nervos motores e sensitivos dos membros chegam á espinha, que communica com o cerebro pelo bulbo. A materia nervosa cervical divide-se em dous elementos: substancia parda e substancia branca. O cerebro pesa, na média: 1 k. 358 no homem, 1 k. 256 na mulher.

Respiração — O apparelho respiratorio compõe-se das fossas nasaes, bocca, larynge, trachéa, bronchios e pulmões. O homem respira 16 vezes por minuto. Os pulmões podem conter 4 a 5 litros de ar, mas cada inspiração consta, na média, de meio litro de ar. Em nossos pulmões passam cada dia 10.000 litros de ar.

Estatura — A estatura média do adulto é de 1m,68, a da mulher de 1m,58. O homem cresce até os 30 annos.

Peso — A pessôa robusta deve pesar em kilos o numero de centimetros que mede acima de um metro. Por exemplo: quem mede 1m,65 deve pesar 65 kilos.

PRESUMPÇÃO E AGUA BENTA...

Duas amiguinhas encontram-se depois de alguns mezes de separação:

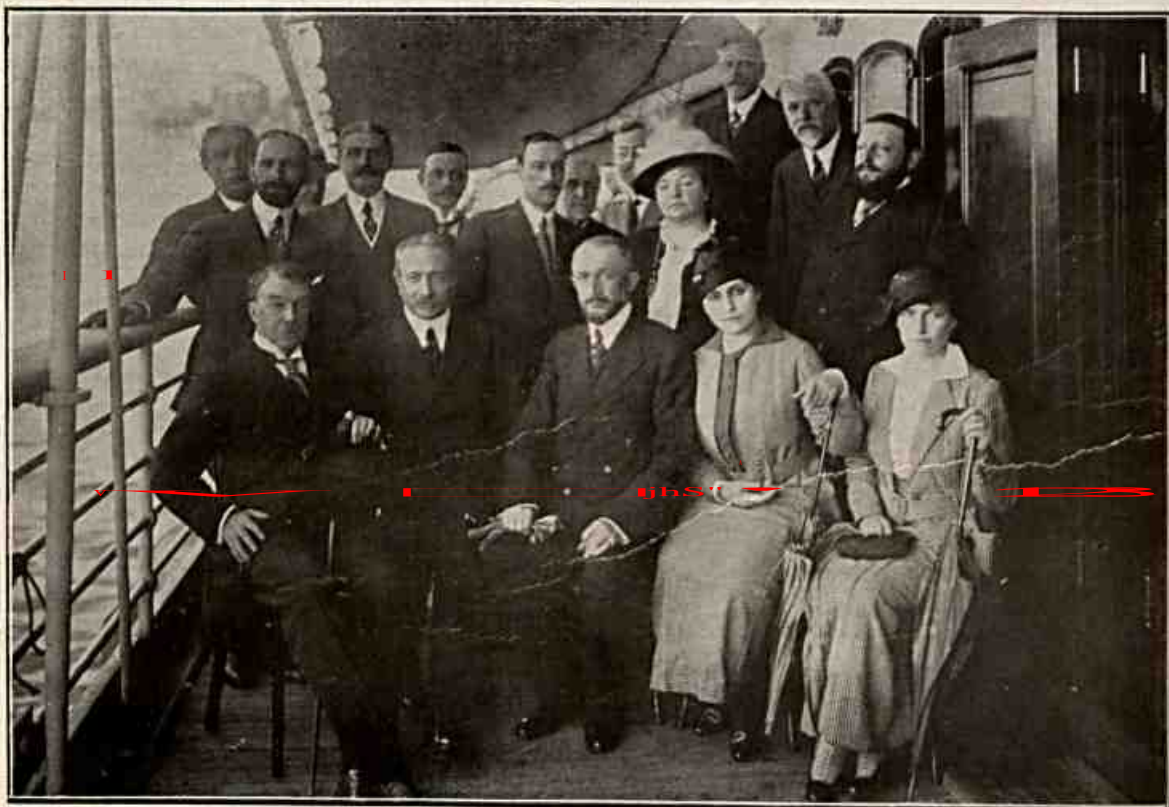
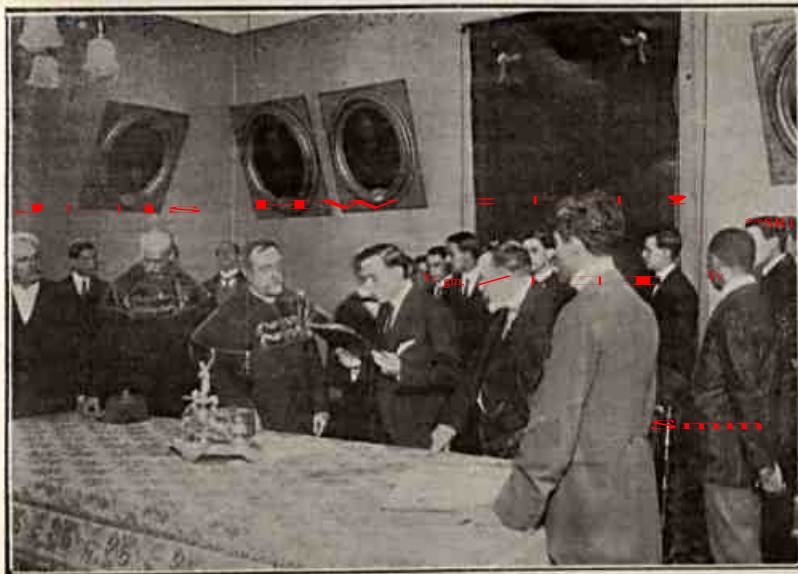
— Ah! que alegria a minha, Marietta, a de estar te abraçando!

— E' minha tambem a alegria.

— Então, já está marcado o teu casamento?

— Não, minha querida; o papai não está satisfeito com a posição do Mauricio; a mamãe não gosta das relações com a familia d'elle; minha tia acha-o desmazelado no trajar...

— E tu, que pensas?

— Eu penso que devo esperar... até elle me pedir.

Chegada do senador francez Baudin, a bordo do «Regina Helena»

Collação de grão aos engenheiros civis de 1915

Impassibilidade

Um inglez é chamado a um interrogatorio, como testemunha presencial de um assassinato cruel :

— E' verdade ter o sr. presenciado o crime? perguntou o juiz.

— Si sinhorr.

— Então viu o accusado aggredir a victima com um *box*, e depois de a deitar por terra quasi sem sentidos, abrir-lhe o ventre, puxar-lhe as viceras para fóra, derramar um litro de alcool em cima e atear fogo ?

— Si sinhorr.

— E não fez nada ?...

— Mim fez.

— Que fez o sr. ?

— Mim steve parade, viu tude e accendeu minha cachimbe e foi s'imbore pra case.

Aspecto da assistencia

CURIOSIDADE POLITICA

— Afinal, minha senhora, o seu marido é liberal ou conservador ?

— Ora ! respondeu a interrogada, quando está com os liberaes, é liberal ; quando está com os conservadores, é conservador.

— Sim ; mas, aqui entre nós: o que é elle em familia, em casa?

— Em casa é uma perfeita inutilidade !

Os nossos creados

O Juca marcara um encontro para aquelle dia com uma sua conhecida velha, mas aconteceu que cahiram-lhe em casa visitas de sorte que não podendo desembaraçar-se dellas, mandou seu creado avisar a pequena do contratempo, dizendo-lhe que ao trazer a resposta transmittisse-lh'a de fórma que as pessoas presentes suppuzessem tratar-se de um amigo. Dito e feito. O creado voltou e esperou ser interrogado :

— Viste Fulano ?

— Sim, senhor.

— Que te disse elle ?

— Que ficava sciente, sentindo muito a sua falta.

— Que ficou fazendo quando voltaste ?

— Estava ao espelho pondo os grampos no chapéo.

As nossas linguinhas

Jantava-se na casa do conselheiro Carrapatoso e devemos dizer que o jantar era pessimo.

D. Genoveva falava e entretinha-se a custa de amigos e conhecidos cuja reputação não poupava.

— Que má está a senhora hoje ! disse a conselheira para a jovial conviva.

— Que quer a senhora, volveu imperturbavel a D. Genoveva ; em alguma cousa hei de occupar os meus dentes.

Os quatro filhos d'Aymon

O chefe politico do districto de Annunciação, Felizardo José Senomenho, teve a ventura de obter do seu casal quatro filhos varões: Manoel, José, Octavio e Carlos.

Lido como era nos «Doze Pares de França», o Coronel sonhou logo com os quatro filhos celebres d'Aymon e desejou para os seus a gloria dos paladinos filhos deste.

Infelizmente o nosso tempo não pede guerreiros esforçados e invenciveis que andem pelo mundo a batalhar em pról de um qualquer Carlos Magno. Pensou bem e viu que os quatro deviam ser encaminhados para a politica, porque, só na politica, actualmente, se obtem glorias retumbantes e proventos magnificos, mais magnificos do que os despojos de reis mouros com suas mulheres estonteantes.

O primeiro trabalho de Felizardo foi fazer os seus quatro descendentes bachareis em direito ou cousa que o valha — o que não lhe foi difficil, graças á vivacidade dos pequenos e a importancia social do Coronel.

Sua mulher viu um a um chegarem em casa formados nisto ou naquillo, em «escadinha», com a regularidade annual do nascimento delles.

Este facto contentou os dous velhos de tal forma que, nos primeiros annos, os rapazolas nada mais fizeram que divertir-se a grande nas fazendas dos paes e na capital do Estado.

Um bello dia, porém, Felizardo chamou o mais velho e disse:

— Manéco, já falei ao Magalão. Sabes quem é? O presidente do Estado. Tu vaes ser o seu official de gabinete e na proxima legislatura serás deputado.

Manéco fez malas, pois estava na fazenda do papae, e, em breve sorria bondosamente aos pedintes, nas ante-salas do Palacio das Graças, na Capital.

Não tardou que Felizardo viesse ver o seu notavel rebento em lugar de tanta importancia. Satisfez-se com os modos, a um tempo doces e magestosos do filho, dentro do seu fraque talhado no Rio, e tratou de encaminhar o José.

Este andava pela Capital a publicar versos inocuos em revistas de grandes descortinos. Procurou-o o pai no seu aposento de solteiro e disse-lhe:

— Rapaz, esta vida não te serve. Precisas fazer-te gente.

— Trabalho, papae.

— Em que?

— Na Arte.

— Que é isto?... Nada; vaes entrar para a redacção da «Folha Independente».

— Como? Se ella é da opposição e o senhor é do governo?

— Não tem nada. Vaes entrar e trabalhar com o senador Mariano. Veste-te.

O José queria muito entrar para um grande jornal e seguiu contente. Felizardo entendeu-se com Mariano e, no dia seguinte, o filho estreava com uma formidavel descompostura no Presidente do Estado.

O Coronel tinha já encaminhado os dous; restava a outra metade. Resolveu-se a esperar. Acontece, semanas depois da collocação do Zéca, que o chefe de policia, por causa de um assassinato, prende o principal capanga do senador estadual Juventino, amigo intimo de Magalão.

Juventino não obtem o «abafamento» do processo; zanga-se com Magalão, por essa falta de consideração aos seus amigos e briga. Houve a scisão no partido situacionista, devido a divergencias sobre os cardeaes principios da politica republicana.

INSTANTANEO — Na praça 15 de Novembro

Felizardo que era sabido, determinou ao terceiro que adhirisse a Juventino, sem detença. A cousa foi feita. Estava encaminhado.

Restava o quarto. Como havia de ser? Esperou uns tempos. Veio a dar-se que Brochado, deputado federal, grande amigo de Mariano, rompe com este e funda na Capital do Estado uma folha, para combater Mariano, Magalão e Justino. Felizardo agarra no ultimo dos filhos e colloca na folha de Brochado.

Estavam, afinal os quatro encaminhados. Vieram as eleições federaes. Manoel, José, Octavio e Carlos foram apresentados candidatos a deputado, respectivamente, por Magalão, Mariano, Juventino e Brochado. Houve accordo no reconhecimento; e os filhos de Felizardo, a um só tempo, sentaram-se na Camara dos Deputados.

Não chegaram a paladinos; mas foram pais da Patria.

LIMA BARRETO

As pennas de escrever. — A maior parte das pennas de escrever, que se usam no mundo, é produzida em Birmingham. As numerosas fabricas dessa cidade ingleza lançam no commercio, semanalmente, trinta milhões de pennas, em cujo fabrico empregam vinte toneladas de aço. Quanto ás pennas de prata, de bronze, de platina, de aluminio e de ouro, que de algum tempo a esta parte têm uma diffusão relativamente grande, são fabricadas, em grande parte, nos Estados Unidos. Calcula-se que só uma das mais importantes fabricas americanas produz, annualmente, quasi cem mil pennas de ouro.

UM DIALOGO

O general Pinheiro Machado conversava outro dia com o seu dilecto discipulo Anopheles, aquelle que estuda com S. Ex. Direito Constitucional e a criação de gallos de briga.

— Que acha V. Ex. da commissão dos cinco?

— Nada tenho a dizer contra ella.

— E a entrada de Pernambuco?

— Eu mesmo fiz sentir que era necessario essa entrada. Sempre foi meu parecer que a opposição devia ter os seus representantes. No rebanho, ha novilhos de todas as côres.

— Lembro-me, porém, que V. Ex. já me disse que não se deve dar quartel a essa gente que quer estraçalhar os principios republicanos de V. Ex.

— Menino, é preciso separar o joio do trigo.

— Recordo-me ainda que V. Ex. disse-me que uma ovelha má põe o rebanho a perder.

— E' verdade. Mas eu falava na intimidade e não para o publico. Quando um macho empaca nem sempre as esporas são o melhor meio de tiral-o do lugar. Comprehende?

— Comprehendo.

— A commissão não é totalmente do meu agrado... O macho empacou e eu estou lhe afagando o pescoço.

— Depois?

— Depois... Havemos de ver se mudamos o eixo da politica.

— Os principios republicanos assim o exigem e V. Ex. ha de ter uma bella occasião de fazel-o.

— Ellas me têm sempre apparecido e cada vez mais vou consolidando os principios republicanos.

— Da ultima vez, então, V. Ex. fez prodigios. Só aquelle estado de sitio de quasi um anno foi uma maravilha.

— E a ilha das Cobras? E o Satellite? Heim, menino?

— E' verdade. V. Ex. é extraordinario.

A conversa passava-se no jardim de S. Ex. que em rampa leva até ao seu palacio.

Estavam em um carramanchão. O general accendeu o cigarro de palha e disse ao discipulo amado:

— Vamos jogar uma partida em 50 pontos.

E foram vagarosamente, subindo a alameda principal.

INGENUO

Todo o mundo é Scherlock

— E tu sabes quem é?
— Eu não. Mas não tenho a menor duvida. Aquelle aspecto medroso e desconfiado faz me crer. .
— Que aquella carta é uma carta anonyma...
— Exactamente.

A CONSULTA

O Prefeito de Policia estava naquelle dia muito atarefado em providenciar para a captura do Elephante Branco e, por isso, não pudera dar começo á audiencia publica que tinha marcado.

S. Ex. ainda conferenciava com o seu Director das Investigações que lhe mostrava as impressões digitaes do immenso pachyderme, impressões obtidas em um casebre abandonado do bairro da Saúde.

Pondo uma immensa lente sobre os desenhos que o Director lhe apresentava, o Prefeito perguntou:

— Doutor, Elephante tem dedos?

O sabio director titubeou e por fim concordaram, o Prefeito e o seu subordinado, que esse animal não possue dedos.

— Resolveram encaminhar as pesquizas para outros pontos e a audiencia teve começo.

A primeira pessôa a entrar foi uma senhora. Dizemos senhora porque em estylo administrativo e commercial todas as mulheres são senhoras. A differença de tratamento entre ellas fica reservado para outras ordens de estylo, entre as quaes os daquelles que frequentam os clubs «chics» e os *bars* nocturnos.

Tratava-se de Mme. Dechue que foi logo disendo ao Prefeito:

— V. Ex. ha de saber que ando peior do que o judeu errante.

— Quem é a senhora? perguntou a poderosa autoridade collocando melhor o *pince-nez*.

— Eu sou Mme. Dechue.

— Ahn!

— Não tenho onde morar.

— A senhora sabe que Lustosa, Garibaldi, Manzini e outros dão essa funcção á policia.

— De andar tocando os viventes daqui para ali?

— A senhora é espirituosa.

— Não me creio assim, embora leia com attenção os seus despachos publicados nos jornaes.

— Affinal... Nós não estamos aqui a trocar espirito... Que quer a senhora?

— Quero saber onde devo morar?

— Onde não houver familias. Isto está em Rimato, Salvador Rosa e outros.

— Mas, doutor, em toda a parte ha familias. Já morei no Meyer e a policia fez-me mudar de lá porque era lugar de familias. Mudei-me para a tal rua, porque não era de familias.... Agora...

— Póde ficar certa de que com isso nada tenho. A policia só faz mudar; o resto é lá com vocês.

L. B.

OUTRA D' «ELLE»

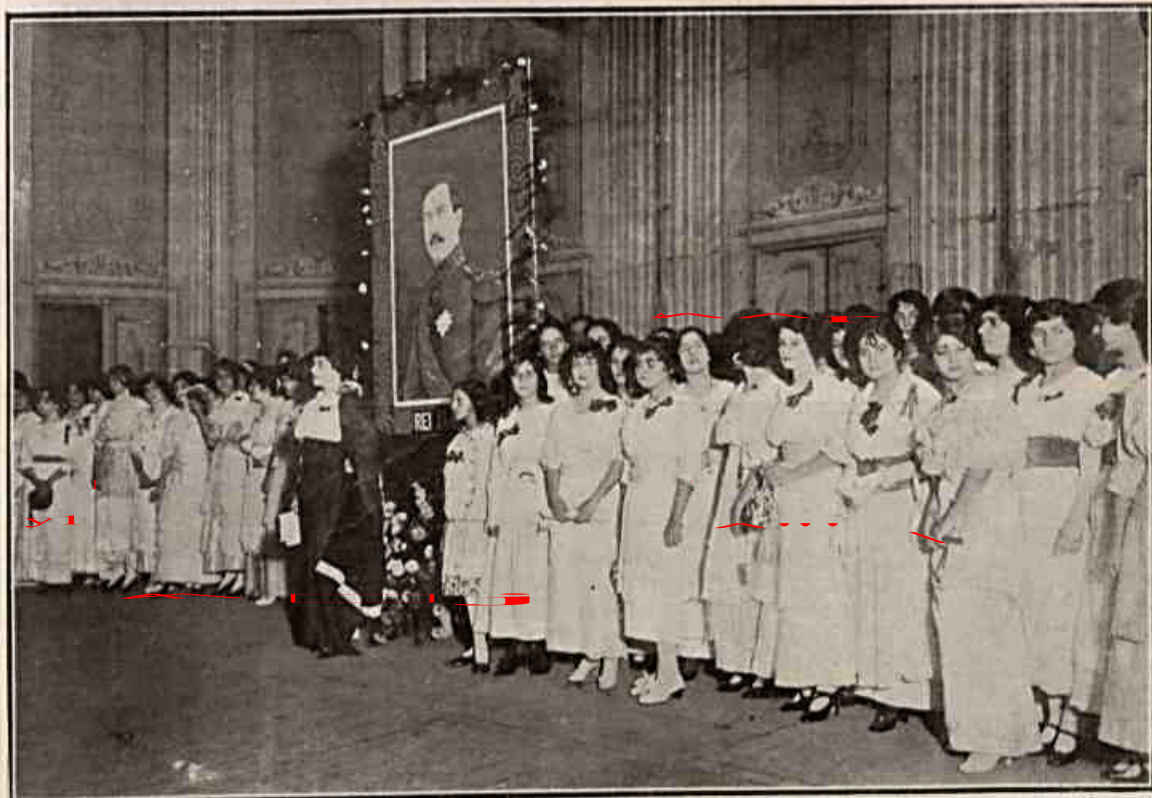
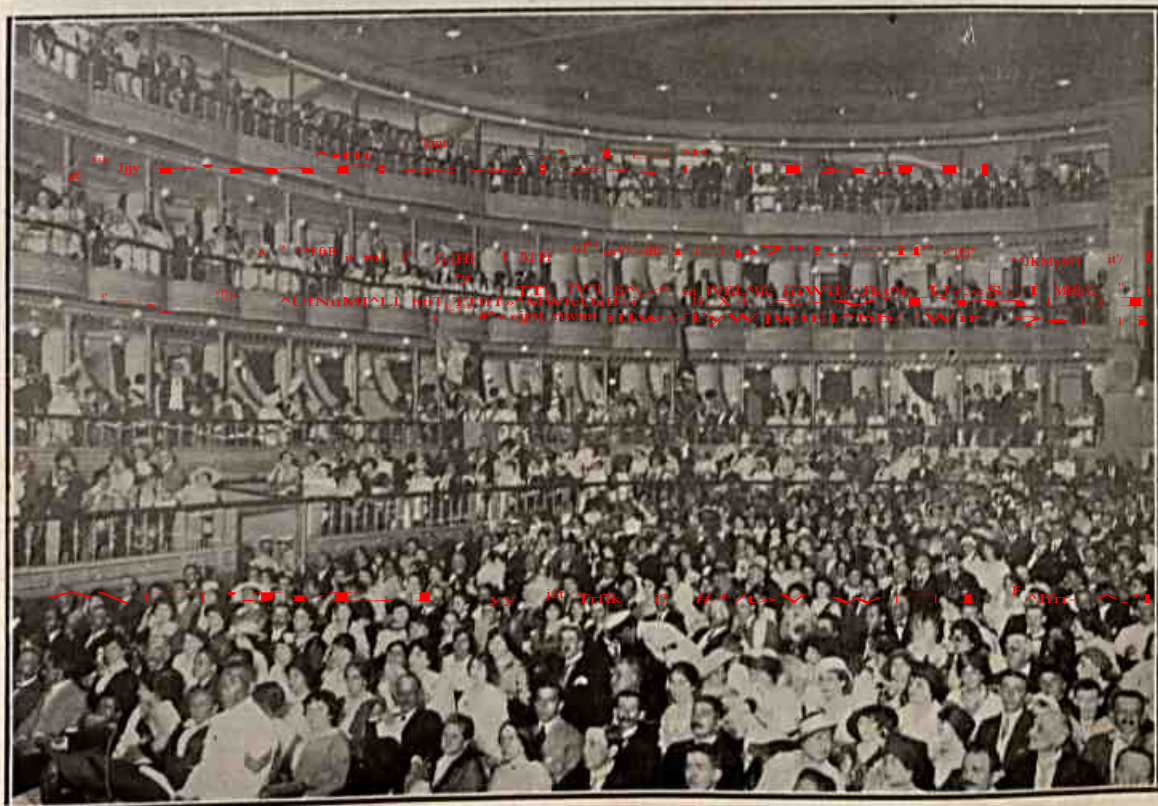
Quando «Elle» estudava na Escola foi uma vez tomar banho de mar e correu risco eminente de se afogar, perda que seria para todos nós muito sensivel, não acham?

Reposto do susto «Elle» depois de passar algum tempo e de ter alguns calafrios retrospectivos por motivo do susto, jurou:

— Não tornarei a metter-me n'agua emquanto não aprender a nadar.

Recepção na legação da Belgica por occasião do anniversario do Rei Alberto I

THEATRO LYRICO

Commemoração do anniversario de Alberto I

Mlle. Guinar Bandeira cantando La Brabançonne

Aspecto da platéa

DR. MIGUELINHO

(PARA MENINOS DA ROÇA)

Como de costume, assim que chegou a epoca das férias, toda a familia foi para a fazenda veranear. Depois de alguns dias o coronel Alves teve de voltar á cidade para negocios, ficando na fazenda sua mulher dona Constança, e seus filhos Miguelinho e Rosita.

Miguelinho que tinha sido aprovado com distincção nos exames, ganhou de presente um burrinho arreiado, muito pequeno e manso, no qual podia montar sozinho.

A pobre Rosita que tinha medo de morrer, provou a colherada que lhe deram, mas cuspiu fóra porque era intragavel.

Chegando o medico, e vendo aquella garrafada no quarto, perguntou o que era. Quando lhe disseram que era o remedio do curandeiro, mandou atirar fóra.

Examinando Rosita receitou-lhe apenas seis papeis com calomelanos e assucar de leite para tomar de duas em duas horas.

Miguelinho prestou attenção a tudo, e vendo a consideração em que tratavam o doutor, ficou com muito desejo de vir tambem a ser medico.

Rosita sarou. Alguns dias depois, em um passeio no seu burrico, Miguelinho entrou em casa de um colono, cuja filha estava doente com dôr de cabeça.

As circassianas — Grupo vencedor do Carnaval de 1915. — Fortaleza-Ceará

O seu divertimento predilecto era fazer um passeio pela manhã, antes do sol esquentar, e outro á tarde, depois que o calor abrandava.

Nessas excursões Miguelinho visitava os colonos e os vizinhos pobres, que começavam a dar-lhe importancia, vendo-o no seu burrico, todo impertigado, e com ares de homem.

Aconteceu um dia que Rosita tendo desobedecido á sua mãi e comido uns pecegos verdes, adoeceu e cahiu de cama.

Foi recado á cidade para o pai levar o medico. Mas a cidade era distante, e só podiam chegar depois de algumas horas.

O tio João, que era curandeiro, sabendo que a menina estava doente, levou para dona Constança uma garrafa cheia de remedio escuro e de gosto muito ruim.

A mãi pelejava para dar-lhe uma colherada do horrivel remedio do pai João, mas a menina não podia supportal-o, e cuspiu fóra.

Miguelinho, vendo aquillo, tomou ares de homem, mandou atirar fóra o remedio do curandeiro e disse á menina:

— «Deixe vêr a lingua.»

Ella pôz a lingua de fóra, elle olhou e disse:

— «Agóra deixe tomar o pulso.»

A doente extendeu o braço, elle tomou-lhe o pulso muito sério, e disse:

— «Isto não é nada. Com certeza ella comeu pecegos verdes, mas eu vou receitar um remedio e ella ficará bôa. Dê cá um papel e lapis.»

Como o doente tinha deveras comido pecegos verdes, ficaram todos com confiança em Miguelinho

que tomou papel para dar a receita que tinha curado sua irmã.

Mas no momento de escrever esqueceu o nome do remedio e só se lembrou do assucar de leite. Para não fazer feio escreveu com resolução :

Assucar de leite, uma pitada
Faça seis papeis. Tome um de 2 em 2 horas.
Dr. Miguelinho

O farmaceutico da fazenda, pensando que era uma brincadeira do menino, aviou a receita, que a doentinha tomou e sarou.

No dia seguinte os colonos levaram a filha já curada á casa da fazenda, para agradecer ao «doutor Miguelinho.»

CAHIU DAS NUVENS

O sr. Fagundes é um velho rico, solteirão e impertinente como ninguem.

Quando lhe morreu o irmão, o sr. Fagundes foi combinar com a viuva do extincto sobre a direcção a dar ao sobrinho, o Carlinhos, um pequeno de 8 annos, levado de todos os diabos. A viuva concordou na ida do filho para a companhia do tio.

O Carlinhos, passada a ceremonia dos primeiros dias, começou a virar tudo em frege, com verdadeiro desprezo pelas recommendações do tio. O pequeno foi cada vez se fazendo peior, e no fim de tres mezes o sr. Fagundes, desesperado com a desordem

As circassianas — Grupo vencedor do Carnaval de 1915. — Fortaleza-Ceará

Dona Constança, sabendo do caso, ralhou com Miguelinho, por metter-se a brincar com uma cousa séria como é a saude.

Entretanto Miguelinho, sem saber, praticara uma bôa acção, mandando jogar fóra a beberagem do curandeiro, que podia fazer mal á doente, e receitando uma pitada de assucar que não faz mal nenhum.

Porque os curandeiros não curam ninguem. O doente que toma as suas raizes se é forte pode sarar. Mas os seus remedios nunca fazem bem ; quasi sempre fazem a molestia peorar, e ás vezes até matam o doente.

Quem aprende a curar são os medicos.

X.

que o sobrinho causava no seu bem ordenado retiro de solteirão methodico, irritou-se a ponto de mandar preparar-lhe as malas :

— Seu incorrigivel ! seu peralta das duzias ! Não o aguento mais ! você vive a dar-me cabo de tudo e ainda por cima acha bonito cuspir na cara dos criados ! Pois vae para casa de sua mãe. Só tenho pena do desgosto que esta minha resolução lhe vae causar.

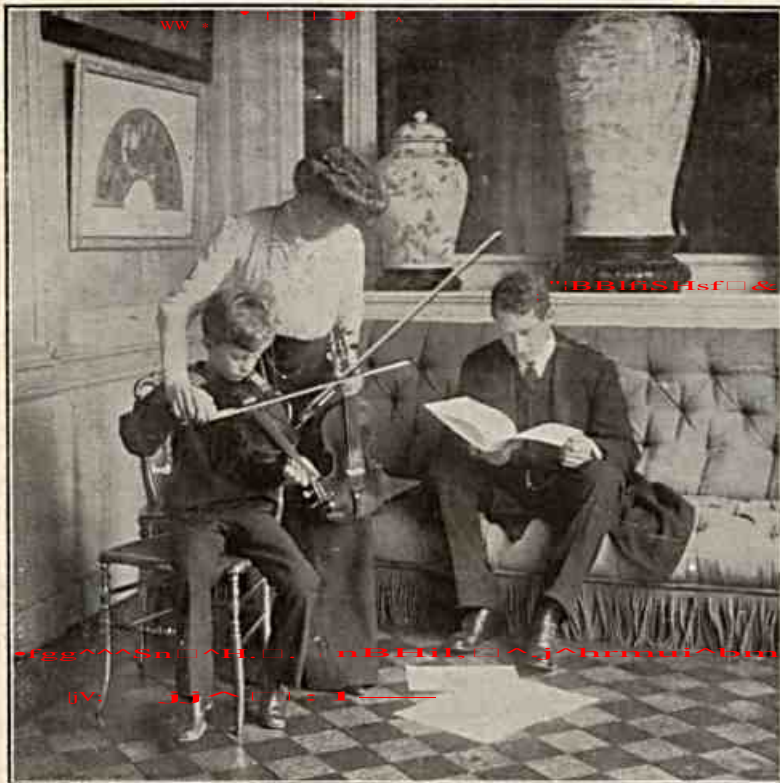
— A quem ? a ella ? perguntou o Carlinhos.

— Ora essa ! e a quem ha de ser ?

— Pois o titio está enganado ; a mamãe não tem desgosto por isso.

— Como podes saber tal cousa ?

— Porque quando eu vou tomar a bençam a ella, ella sempre me diz que não sabe como é que eu posso ainda aturar as impertinencias do titio.

A PAZ NA ANTIGA BELGICA

Alberto I, a Rainha Elisabeth e o principe Leopoldo

Wellington, o menino e o sapo

No dia 18 de Junho proximo fazem cem annos que se feriu a formidavel batalha de Waterloo, occaso sombrio da brilhante estrella de Napoleão I. Dos poderosos alliados que então se colligaram contra a França dois — a Inglaterra e a Russia — se acham hoje ao lado deste paiz, numa guerra terrivel e encarniçada, contra os amigos de cem annos atraz — a Allemanha e a Austria.

Nestas condições, a commemoração do centenario da derrota de Napoleão (que se prepara na Inglaterra, apezar da gravidade do momento) não pode offender os melindres da França, pois a Inglaterra bateu-se em 1815 contra o despotismo militar napoleonico, da mesma maneira que os alliados se batem actualmente contra o despotismo militar germanico.

Com a approximação do centenario da batalha de Waterloo, os jornaes inglezes começam a rememorar factos e anecdotas da vida do duque de Wellington, o vencedor dessa memoravel campanha. A esse respeito o *Sport*, conhecida revista de Londres, referiu ha pouco a seguinte anecdota.

Um dia, que o duque de Wellington, no campo, dava o seu passeio habitual, ouviu lamentações de desespero; dirigindo-se para o sitio d'onde ellas partiam, encontrou um menino louro, rosado, deitado no chão, chorando lagrimas ardentes e acariciando... um sapo muito manso.

— Que tens tu, meu amiguinho? perguntou o duque.

— Ah! senhor! o meu pobre sapo, o meu amigo, que ha de ser d'elle?

— Então, de que se trata? Conta lá!

— Senhor, este animal conhece-me e é meu protegido; todos os dias lhe dou de comer, porque moramos aqui perto. Agora mandam-me para o collegio, muito longe, e, si ninguem pensar no meu amigo, elle morre com certeza.

— Está bem, menino, respondeu o duque, fica descançado que prometto tratar d'elle, sustental-o bem e dar-te, de vez em quando, noticias suas, durante tua ausencia; não me esquecerei.

A estas palavras, a creança deixou de chorar, tranquillizando-se; agradeceu a promessa ao desconhecido e voltou para casa, radiante de alegria.

Pouco depois de sua entrada no collegio, trouxeram-lhe uma carta, cujo conteúdo era o seguinte:

«Strathfieldsaye, 27 de Julho de 1837.

O feld-marechal, duque de Wellington, tem o prazer de participar a William Harries que o sapo continúa a passar bem.»

Durante o primeiro anno de sua estada no collegio, o estudante recebeu successivamente cinco cartas, concebidas em termos quasi semelhantes a estes, e todas escriptas pelo proprio punho do vencedor de Napoleão. Quando, nas vesperas do Natal, o rapazinho voltou á casa paterna, encontrou o sapo vivo e feliz. Apenas, conforme os habitos d'estes animaes, estava immerso em profundo somno hibernal, em que ficou provavelmente até voltar a primavera, cuja benefica influencia lhe deve ter restituido o movimento, tirando-o da sua guarida. Sobre o resto da vida aventurosa do batrachio, nada mais consta.

As cartas do duque de Wellington ao menino Harries, «protector do sapo», pertencem hoje a um inglez, grande collecionador de autographos, que as expoz ha pouco na redacção do *Sport*, em Londres.

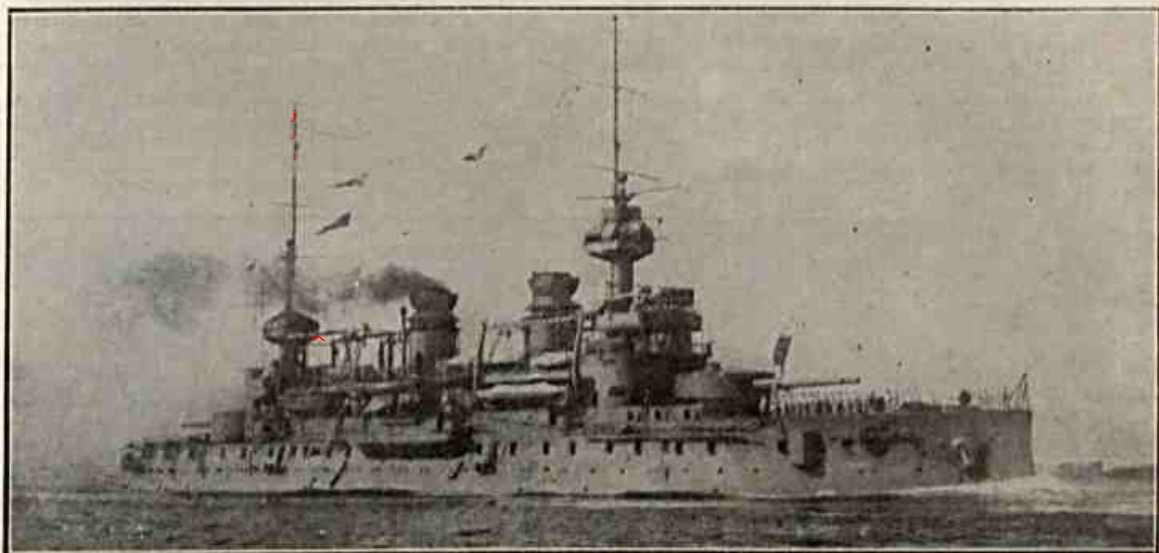
Os nossos restaurantes

Não é propriamente dos nossos restaurantes a culpa, é principalmente dos que os frequentam. A' mesa redonda de um delles sentavam-se cerca de dez hospedes. Veio um prato cheio de magnificas azeitonas, verdes e apetitosas. Um dos hospedes puxou-o para junto de si e emquanto o diabo esfrega um olho devorou metade.

Os outros hospedes acompanhavam os movimentos do grosseirão, tomados de indignação. Afinal um delles arriscou-se a observar:

— Cavalheiro, nós tambem gostamos de azeitonas.

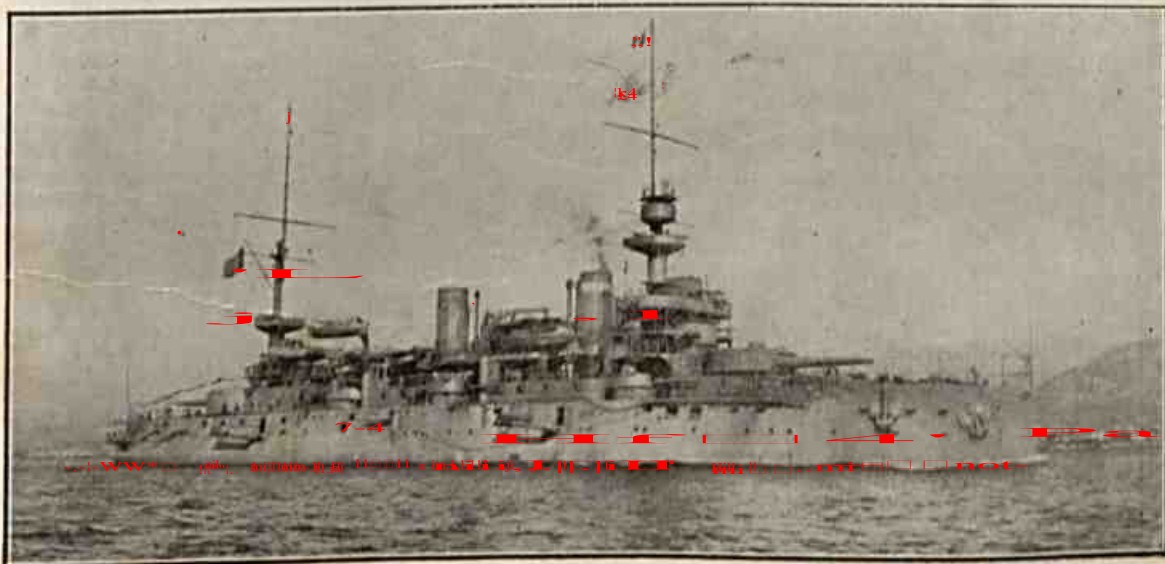
— E' possivel, é, respondeu elle, porem eu gosto mais.

A GUERRA

O «Gaulois» da marinha franceza, que operou nos Dardanellos

A queda dos cavallos brancos

Uma das muitas consequencias curiosas da campanha européa é o desprestigio do cavallo branco como animal de guerra. O manes do celebre cavallo branco de Napoleão hão de estremecer de indignação no Averno, quando lá chegar a noticia de que os estados maiores dos exercitos belligirantes condemnaram os cavallos brancos e russos a serem excluidos das fileiras, pelo unico facto da côr do seu pêllo. A côr branca, especialmente sobre o fundo verde das florestas e dos montes, é um excellente alvo para os atiradores inimigos. Dahi a sua exclusão das linhas e relegação para os serviços inferiores de transporte. O cavallo de Napoleão preferiria morrer a soffrer esta degradação injusta.

Julga-se melhor o caracter de um homem por aquillo que elle admira, do que por aquillo que elle aborrece. — *Boucher.*

A GUERRA

O «Suffren», da marinha franceza, que operou nos Dardanellos

A melhor terra para as feias

Traduzimos de uma velha revista:

« A Allemanha póde dar sóta e az a todas as nações do mundo no referente á pratica da caridade, sob uma forma original.

Sem irmos mais longe, e para provarmos o nosso dito, ahi está a povoação de Haschmann, onde todos os annos se offerecem varios premios em metallico para os homens que casam com as mulheres mais feias da localidade ou com as que tenham algum defeito physico, como as corcundas, as tortas e as mutiladas, e tambem aos que decidem unir-se com as damas que já tenham passado dos quarenta annos e reunam a precisa condição de terem sido enganadas duas vezes pelos seus noivos anteriores.

O dinheiro para estes premios deixou-o um ricaço que, sem duvida, estava convencido de que a belleza é de difficil acquisição.

Do rendimento produzido pelo capital doado com esse objecto, dão-se premios de trezentos mil réis, pouco mais ou menos, aos que casem com mulheres feias; e de duzentos e cincoenta aos que levam ao altar mulher com qualquer lezão.

As de quarenta annos para cima, que já tenham sido enganadas algumas vezes, recebem um dote de setenta a cento e cincoenta mil reis, conforme o numero de *taboas* levadas, e segundo o voto dos administradores do legado. Estes têm amplos poderes para augmentarem a quantia do premio ou dote quando se trate de mulheres excepcionalmente feias e com defeitos physicos ao mesmo tempo.»

Club São Christovão

— Pedrinho, perguntou-lhe a mãe, onde está o pudim que a tua mana fez hontem? Foste tu que o comeste?

— Não, mamãe, levei-o para o collegio e dei-o ao meu professor.

— Ah! sim! E elle comeu-o?

— Parece-me que sim porque hoje não poude dar aula.

UMA CONFISSÃO

Conseguimos ha dias conversar rapidamente com o Sr. Tenente Feliciano Sodré, presidente *in-partibus* do Estado do Rio.

Notamos que o illustre politico estava animado.

Esqueciamos de dizer uma cousa: os senhores conhecem porventura esse senhor Sodré ?

Não deve haver extranheza na pergunta, porquanto até bem pouco elle era muito conhecido das pessôas de sua familia e de alguns amigos e parentes; de repente, subitamente, os chefões perrecistas fizeram-no uma summidade, de modo que pode bem acontecer que a sua personalidade não interesse o grosso publico.

Comtudo, como já se falou um pouco delle, é assim como uma celebridade ephemera, não é demais que informemos o publico das suas opiniões. Dissemos :

— Tenente...

— Não sou tenente.

— Como. Disseram-me que o era até do Exercito.

— Fui.

— Pediu demissão ?

— Não. Quando sou politico, não sou tenente ; sou doutor.

— Então, doutor, quaes são as suas esperanças ?

— Não tenho nenhuma. Não quero mais saber dessas encrencas de presidencia de Estado. E' cousa que dá muito trabalho e não estou para atrapalhações. Quem me meteu nisto, foi o Pinheiro e o Botelho. Eu, por mim, só quero descanço.

— Então não se interessa mais pelo projecto de intervenção ?

— Interesso-me, pois não.

— Como, se não quer saber dessas encrencas ?

— Eu me explico. Não tenho nenhum gosto de voltar a Tenente e não tenho nenhum gosto em ser presidente nem mesmo do Club Flôr do Abacate, como foi o meu amigo Rodolpho. Quero é descançar e ter o soldo...

— De modo que ?

— De modo que vou trabalhar para que o projecto não dê um unico passo e fico assim durante alguns annos, sem fazer nada e sem incommodos de especie alguma.

— Desapertou-se, bem, doutor ?

— Para os dous lado : para a esquerda e para a direita.

J. Hurd

Vão resolver o problema

— Sabes de uma grande novidade, ó Dorothéa ?
— Que foi que aconteceu ?
— O conselho municipal vai tratar da construcção de banheiros publicos para a pobreza.
— Ora graças a Deus ! Vamos ter em fimagua para beber.

Figuras e cousas de outras terras

As creanças na Polonia. — O escriptor polaco Wenceslau Gasiorowski acaba de publicar, em uma revista do seu paiz natal, o seguinte artigo dirigido ás creanças:

«Nesta hora de angustia e tristeza, quando o coração de um polaco se consterna vendo suas esperanças e illusões pouco animadas, volta-se o seu pensamento para as creanças e encontra a fonte inexgotavel da crença num futuro melhor, em outros destinos da Polonia. As creanças polacas! Existirão noutra parte, achar-se-hão na Historia pequenos heróes iguaes a estes que participam do martyrio da patria, que sabem defendel-a e luctar pelas suas tradições sagradas e que conservam no peito o sentimento nacional? Ha outras creanças, condemnadas como estas, desde a mais tenra idade, á resistencia contra a germanisação, a reivindicarem os seus direitos, a combaterem para que não se extinga a sua alma polaca? Noutras terras do mundo as creanças gosam plenamente a vida, só aproveitam dos privilegios que lhes concedeu a sociedade; as creanças apenas tem de ser queridas e de se deixarem querer. Na Polonia não é assim. A creança é um combatente que tem o que conquistar e defender; a creança é um martyr e um adversario que já tem feito terror aos nossos inimigos mais implacaveis; a creança tem grande parte nas inquietações e nas esperanças da patria. A guerra actual não podia deixar indifferentes os pequenos; mais uma vez elles inscreveram seus nomes no livro branco dos sacrificios. Eis um documento, uma acta escripta por um official do exercito da Russia, pertencente á Guarda Imperial e que hontem talvez não falasse d'esta forma:

— Somos obrigados a combater na Polonia. Uma parte da população d'este paiz foge deante da invasão allemã, mas a maioria fica em seus lares; as aldeias e as cidades regorgitam de creanças de camponezes polacos que não puderam ficar em suas casas. Mas a guerra apresenta-se a esta gente pelo seu aspecto pittoresco: regimentos em marcha, cavalleiros galopando em esquadrões, estilhaços de obuzes, todas as cousas estimúlam nas creanças não só a curiosidade como o ardor guerreiro, principalmente quando as suas habitações estão garantidas. As creanças deixaram no meu espirito grandes recordações durante as ultimas operações militares no paiz da Polonia.

Estavamos recolhidos nas trincheiras. A's 6 da manhã já o sol explendia fortemente; a peleja está empenhada com impetuosidade. Qual será o resultado da batalha? Gotteja o suor da fronte dos homens do meu commando, inundando-lhes os olhos como se fossem lagrimas sentimentaes. Não se podia enxugal-as. Os nossos labios ardem de seccura por falta d'agua que não se pode buscar ao longe; o chuveiro de balas é ininterrupto. Alguns voluntarios erguem-se na linha fortificada e me propõem sahir á procura de agua para os seus companheiros; sou, porém, obrigado a negar consentimento e a censurar este excesso de coragem. Nesse instante de infernal resistencia ouvi a voz agradavel e suave de creanças exclamando: «Sr. official, sr. commandante, podemos entrar?» Volto-me assombrado. São alguns pequenos da aldeia visinha, descalços, lançando olhos curiosos para a nossa formatura, — «Escondam-se já, depressa, meninos!» gritei-lhes. Pobrezinhos! Chegavam-se timidos, conduzindo vasilhas com agua para meus soldados. — «Oh! sr. official, aqui vos trazemos de beber!» — «D'onde sois, d'onde vinde, pequenos?» — «Somos d'alli perto, meu senhor, queremos vos ajudar na guerra.»

Os soldados ficaram reanimados de alegria; cada um procurou logo demonstrar sua gratidão aos pequenos heróes e as creanças penetraram nas trincheiras fraternizando comnosco que nos batiamos contra o inimigo. E entraram a fallar: «Que espingardas! Como atiram depressa! Hontem vimos a passagem da artilharia allemã na estrada: eram grandes peças puchadas por doze cavallos...»

Em poucos minutos estava a ração d'agua acabada. Os meninos repararam e disseram: «Esperem, vamos buscar mais!» — «Não sejam loucos! Ouçam como a fuzilaria espouca! Não saiam, pequenos!» — «Ah! isto não é nada! Não vamos para o lado das balas nem dos obuzes.»

E cada um apanhou o seu balde, e, aproveitando-se dos accidentes do terreno foram se esgueirando até se afastarem; pouco depois voltavam trazendo o precioso liquido. Não sabiamos de que modo recompensar aos bravos amiguinhos. Offerecemos-lhes dinheiro que recusaram receber dizendo: «Não, senhores, guardem; os senhores precisam mais do que nós que estamos em nossas casas. Nossas familias ficariam zangadas, querendo saber quem nos deu dinheiro.»

Tinham razão. De que vale o dinheiro em taes occasiões? Um grande serviço, como o que recebemos, só pode ser retribuido com outro igual. E' preciso que nós soldados demos nossas vidas por elles, para que o seu desgraçado paiz devastado e desmembrado, possa ainda resurgir.»

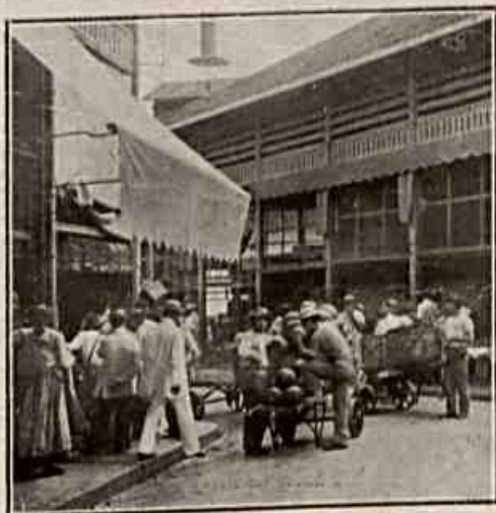
Jean Bonnafons
soldado francez ferido na batalha do Marne,
de regresso á Argentina

Uma de Boileau

Luiz XIV leu de uma feita a Boileau uma composição poetica de sua lavra, perguntando-lhe depois sua opinião a respeito.

— Julgo que a V. M. nada é impossivel. Poz todo o seu empenho em fazer pessimos versos e o caso é que o conseguiu ás maravilhas, respondeu o sagaz critico.

O MERCADO

Notas

Audacia

Os soldados francezes conseguiram occupar o cume *Hartmannoweilorkopp* (uff!!!)

Consta que foi com grande sacrificio e que alguns, nas alturas do *W*, despencaram exhaustos.

A fuga

Alguns habitantes de Constantinopla têm emigrado para o Egypto.

De uma só cajadada

Um grupo de soldados turcos assassinou vários officiaes allemães que commandavam o respectivo regimento.

Consta que o Sultão ordenou a immediata execução dos assassinos.

As ordens do Sultão e os criminosos foram *executados* ao mesmo tempo.

Authentico

Ao nome de *Berry au Bac* a artilharia franceza fez explodir uma *sapa*.

Comicas

Um feito «kolossal»

De Paris mandam dizer que o conselho marcial condemnou a quatro annos de prisão o allemão Schomberg, que se alistára no exercito francez.

Schomberg tem sido muito cumprimentado por ter sido o unico soldado de von Kluck que conseguiu chegar a Paris.

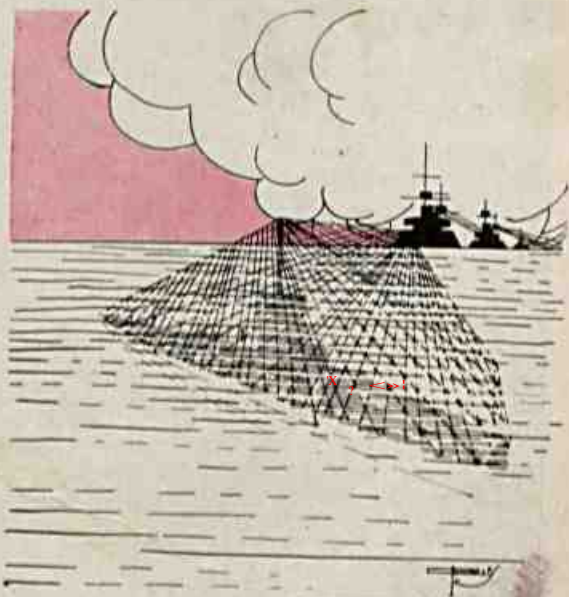
Tout est bien...

O incidente chino-japonez foi resolvido diplomaticamente e entre as duas nações amarellas reina perfeita harmonia.

Já não ha mais receios de uma conflagração europea na Asia.

A avalanche

O director da Opera Comica de Paris prohibiu a representação das obras do maestro Puccini porque este se manifestou inteiramente germanophilo.

Os russos de accordo com o acto do director alliado, vão atacar ferozmente... a *Bohemia*.

Mão exito

Foi apanhado nas *rêdes* especiaes destinadas a esse fim um submarino allemão, nas aguas da Mancha.

Consta que esse submarino não se mette mais em *raids*.

As montanhas de carne e de... talento

Taft, ex-presidente dos Estados Unidos, foi o segundo obeso que se assentou na cadeira presidencial d'aquelle paiz. O primeiro presidente gordo foi Cleveland que pertencia ao partido democratico.

Napoleão I, apezar da vida activa que levava, era regularmente gordo. Balzac, o grande romancista francez, era uma verdadeira «montanha de carne»; Dumas, pae, era tambem gordo e Saint Beuve tinha um abdómen como o de Falstaff.

Apezar de sua enorme corpulencia que se esforçava por diminuir bebendo vinagre, Eugenio Sue escreveu, com talento, innumeraveis romances, entre outros o celebre *Judeu Errante*.

Flaubert, o autor de *Madame Bovary e de Salambô* era enorme.

Rossini, o immortal compositor, era tão gordo, que, durante seis annos, só no espelho podia vêr os proprios joelhos. Um colosso!

Julio Janin, o principe do folhetim e da critica, no seu tempo, quebrava, sob o seu peso, todos os cadeirões e sophás em que se assentava.

A Lablache, o grande cantor, faziam-no pagar tres lugares quando viajava.

Já se vê pois que o nosso Chabi está em muito bôa companhia.

O tédio veiu ao mundo pela estrada que a preguiça construiu. — *La Bruyère.*

Amor conjugal dos peixes. — Alguns naturalistas têm attribuido aos peixes qualidades superiores de amor conjugal e, em geral, de amor da familia. Entre os numerosos exemplos citados a respeito, é sobretudo interessante lembrar o do «gasterosteus», um peixe que é, na verdade, polygamo, mas que demonstra enorme cuidado na construcção e defesa do ninho, onde sua femea depõe os óvos. Parece até que este curioso e generoso animal chega a brigar com a companheira, quando esta não mostra pela familia o carinho necessario. Tambem o salmão e a enguia figuram entre os peixes que mostram pela «casa» e pela familia uma solicitude que se manifesta nas menores particularidades.

AS NOSSAS PRAIAS

O banho de mar no Leblon

BOATOS E NOVIDADES

Na galeria Cruzeiro, onde habitualmente encontramos amigos, pudemos em um dia da semana passada assistir o desfile dos paes da patria, os velhos e os recentes; e tivemos a fortuna de poder-lhes observar as physionomias esperançadas.

O Sr. Alfredo Ruy vinha de braço com um dos Srs. Mangabeiras e a dar credito pelo modo fraternal com que caminhavam, um dos Srs. Mangabeiras ensinava qualquer cousa ao Sr. Ruyzinho, assim no tom de quem explica um ponto difficil a um collega que não comprehendeu bem a lição do lente. Vinham como dous estudantes bons camaradas.

O Sr. Ubaldino de Assis passou só e convencido de que vai desta vez influir definitivamente para prosperidade da Bahia, em particular, e da Patria, em geral.

Quem estava deveras sorridente, era o Sr. Euzebio de Andrade.

Parou e centralisou uma palestra em um grupo de pais da patria desconhecidos e certamente novatos.

Pensamos que S. Ex. désse seguras informações do que deve fazer um deputado.

S. Ex. é antigo e ha de naturalmente ensinar aos seus novos camaradas o caminho da Mère Louise, da pensão Sapho, o gosto pelo «Canadian», na Colombo, ás 5, ouvindo o zum-zum das francezas mais ou menos authenticas.

Não houve quem escrevesse «A iniciação de um deputado» e não ha mal algum que os velhos a ensinem aos novos.

Elles passavam sempre mais ou menos solemnes. Os chapéos Panamá abundavam e os fraques mais ou menos geitosos, cortados em Aracajú, em Sobral, em Fortaleza, em Maceió, na Cachoeira, em Lenções, em Itapemirim, embrulhavam coroneis e doutores.

Vimos um destes tão rigorosamente embrulhado em um fraque azulado, chapéo Panamá, pince-nez, rubi no dedo, cabisbaixo, que logo dissemos com os nossos botões:

— Este pelo menos ha de ter muito talento.

IGNACIO COSTA

AS NOSSAS PRAIAS

O banho de mar no Leblon

CARETA DAS CREANÇAS

FLOR DE NEVE

Era uma vez um rei poderoso que todos os reinados visinhos respeitavam o valor de seus exercitos. O rei era velho e como unica alegria á sua velhice tinha uma filha de uma belleza resplandecente a quem chamavam «Flor de Neve.» «Flor de Neve» pela extrema brancura do seu rosto.

O rei a educara nos rigidos principios da sua côrte. A princeza cresceu afastada do mundo, encerrada nos seus aposentos, cercada de damas de honor incumbidas de lhe incutir no sentimento a sua superioridade sobre os outros mortaes. Os seus mais pequeninos caprichos eram executados immediatamente.

Ella só queria uma coisa que não lhe davam — a liberdade. Quando pequenina se saia correndo atraz de borboletas diziam que esses brinquedos não eram proprios de uma futura reinante. Se corria para brincar com as creanças de sua idade, a aia a impedia — a filha de um rei não se mistura com uma casta inferior a sua.

Tudo isso fel-a triste. Quanto mais foi

crescendo, mais duro se lhe foi tornando o captiveiro. Um dia a aia lhe viu duas lagrimas nos olhos.

— Porque choras, princeza ? perguntou.

— Quero ser livre, respondeu «Flor de Neve.»

— A liberdade foi feita para a gentinha.

— O' porque eu não sou semelhante a ella ?!

Chegou o tempo de casal-a. O rei queria um genro capaz de honrar as tradições gloriosas do seu reino. E o palacio real foi aberto para festas magnificas. Vieram os principes visinhos, vieram principes dos paizes longinquos. Não houve ninguem que não quizesse possuir a mão da princeza deslumbradora.

Duraram as festas sete semanas. No ultimo dia houve uma caçada de ursos e depois da caçada o rei designaria quem devia ser o esposo de «Flor de Neve.»

De manhã, os caçadores, ao som de businas e latidos de cães partem para a floresta. No meio de toda aquella gente a belleza de «Flor de Neve» esplende e scintilla.

Os principes se mettem pelo cerrado da floresta a procura dos ursos. «Flor de Neve» cercada de suas damas espera numa clareira o resultado da caça.

Subitamente, de um pedaço da floresta, olhos em fogo, bocca espumante, surde um urso enorme. Ferido por uma lança, arremessou-se na clareira, perseguido pelos cães. O cavallo da princeza espanta-se, recúa, ergue-se e, bruscamente atira com ella no chão.

O urso avança para «Flor de Neve» Vae despedaçal-a, quando, de subito, num salto, um moço crava a sua lança no peito do animal. O urso ferido no coração, tomba num urro formidavel e morre.

Aproximando-se da «Flor de Neve», o desconhecido toma-a nos braços, leva-a para uma fonte visinha e banha-lhe o rosto com a agua clara e viva.

Ella abre os olhos e, corando, vê diante de si o estrangeiro modestamente vestido, mas com uma physionomia ao mesmo tempo altiva e doce.

— Fostes vós que me salvastes a vida ? perguntou.

— Fui eu quem matou o urso, disse elle. Mas outro qualquer o teria feito se estivesse no meu lugar.

— Obrigado, obrigado, disse ella, meu pae que é rico e poderoso vos compensará.

— Sim, eu o sei, respondeu o desconhecido, elle é o grande rei e eu não sou mais que um simples camponez.

E continuou com a voz sacudida de tristeza :

— E vós sois sua filha, a princeza «Flor de Neve.» O' ! seria, talvez, melhor para mim, que me não tivesse encontrado hoje comvosco.

— Que quereis dizer? perguntou a princeza.

— E' que, talvez desconheças, na côrte de vosso pae todo homem de baixo nascimento que tocar num ser de sangue real é punido com a morte.

Nesse momento o rei surgiu na clareira, cercado do seu sequito de cortezãos. Ao ver o desconhecido, de aspecto tão modesto, a falar com a sua filha, gritou raivosamente:

— Prendam este homem, dê-se-lhe o castigo que elle merece pela sua insolencia.

Em vão «Flor de Neve» tentou interceder pelo moço. O rei recusou-se ouvil-a e cheio de colera voltou para o palacio. O desconhecido foi mettido na prisão, julgado e condemnado a forca no mesmo dia. Não se defendeu. Ouviu desdenhosamente a sua sentença de morte.

Mas «Flor de Neve» quiz salval-o. Lançou-se de joelhos aos pés de seu pai e tentou commovel-o com as suas supplicas e as suas lagrimas. Elle a repelliu com asperesa e accusou-a de esquecer a dignidade do seu nascimento.

— Has de assistir a punição do culpado!

Na grande praça da capital do reino erguia-se a forca. A' frente, eleva-se um grande estrado onde se vêm assentar o rei, «Flor de Neve», os principes convivas e as altas figuras da côrte. Em volta, contido pelos guardas, o povo espera a execução.

Eis que apparece o condemnado. Está pallido, porem caminha firmemente, resolutamente.

O arauto do rei, montado num cavallo branco, ajaesado d'ouro, caminha para o centro da praça e, depois de soprar trez vezes a sua trombeta, grita com voz atroadora:

— Haverá alguma mulher que queira este homem para marido. Se houver que diga o seu nome, porque, segundo o uso antigo, a pena do condemnado será perdoada.

Um silencio solemne enche a assembléa. E' que uma vez tremula, mas alva, grita:

— Eu. Eu «Flor de Neve» quero o condemnado para meu marido.

Um grito de espanto sahe da multidão e todos os olhos se voltam para o rei. «Flor de Neve», muito pallida levanta-se e caminha para o condemnado que sorri estranhamente. Chegando junto, a princeza une a sua mão á delle.

O estrangeiro ergue tão alto a sua voz que domina o tumulto da multidão:

— Silencio! que todo o mundo me ouça! Eu sou rei de um paiz que fica distante deste e, diante deste povo reunido, peço ao monarcha deste reino a mão de sua filha. Quem m'a ousa disputar?

— Sêde meu genro, diz o pae de «Flor de Neve», sois digno della, pois até já lhe salvaste a vida.

A multidão aplaudiu delirantemente.

*

A noite, «Flor de Neve», ao lado do seu noivo passeando venturosamente no jardim real perguntava-lhe ternamente.

— Porque não vos destes a conhecer mais cêdo, meu caro principe?

— E' que eu queria saber se teria o vosso amor, respondeu elle, porque me era preferivel a morte á vossa indiferença.

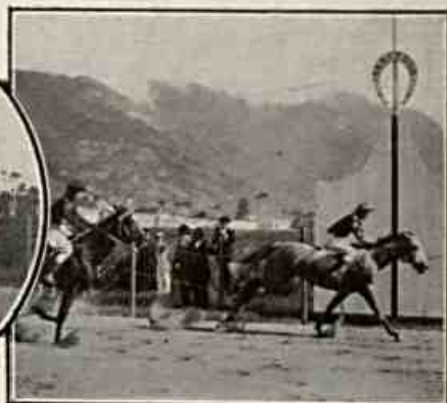
(Tradução)

Marianno Canelo

A satisfação do pobre

— Banheiros publicos!... O' que idéia magnifica! Naturalmente serão providos de um *toilette* com extractos finos, bom pó de arroz, e a gente *póde botar na cara o pó de botar na cara*.

DERBY-CLUB

Aspectos da primeira corrida de 1915

«Velhinha», vencedora do 3º pareo — A sahida do 3º pareo — A chegada do 3º pareo

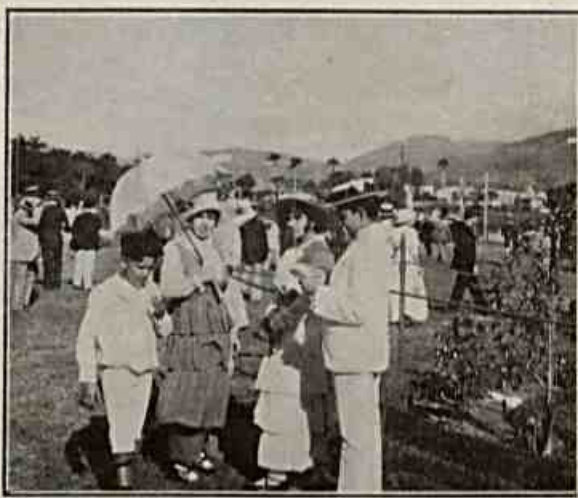
A chegada do 5º pareo

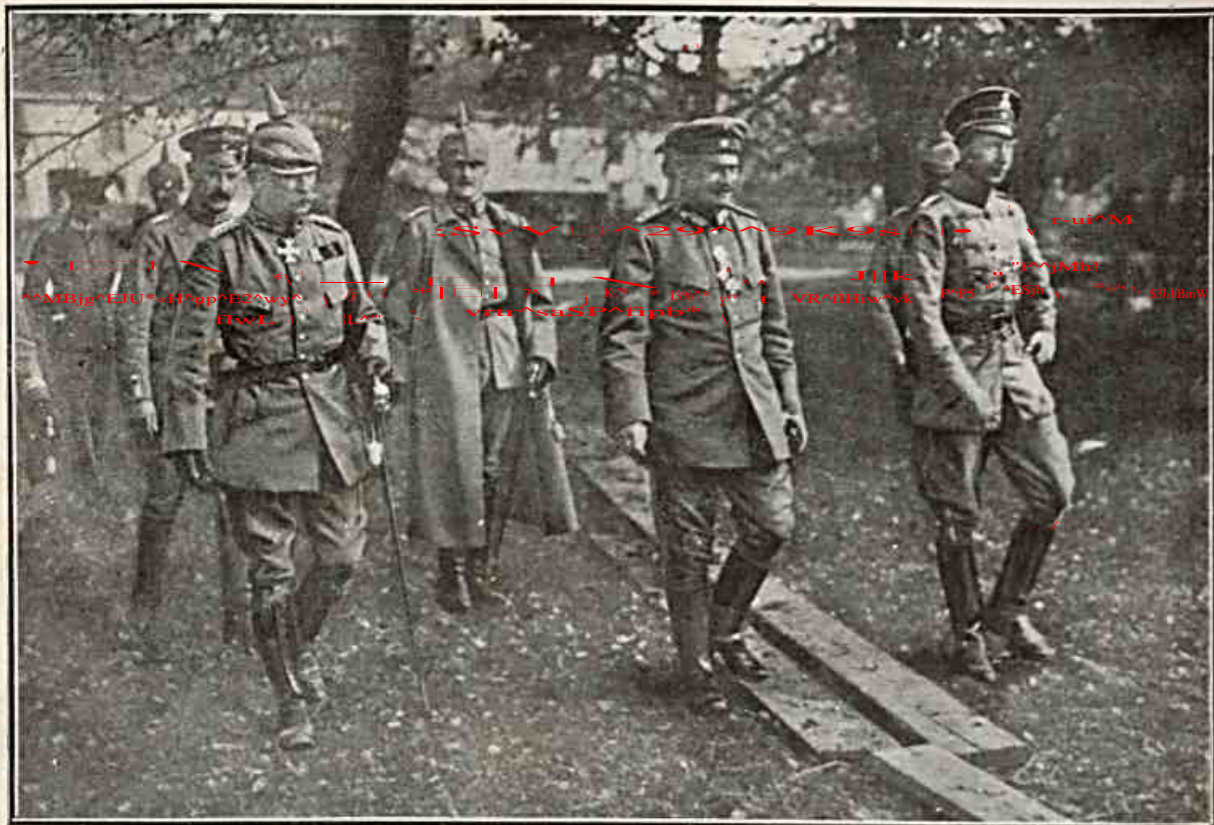
«Salido», vencedor do 5º pareo

«Dreadnought», vencedor do 4º pareo

A chegada do 6º pareo

«Rohallion», vencedor do 6º pareo

DERBY-CLUB

Aspectos da primeira corrida de 1915

A GUERRA

O principe imperial da Allemanha e um sequito de officiaes

CONSELHOS DE UM VELHO ABUTRE

aos seus filhotes

«Na Gallicia têm-se visto ultimamente bandos de abutres, corvos e outras aves de rapina acompanhando do alto os exercitos belligerantes.»

(Dos JORNAES)

Um velho abutre, pousado em uma escarpada montanha, cercado de seus filhos, explicava-lhes as artes da vida de rapina, preparando-os, com esta licção, para sua proxima excursão pelas alturas :

— «Meus filhos, dizia o velho abutre, deveis guardar bem estas instrucções, porque tendes minha pratica diante dos olhos : vistes o meu magistral ataque ás aves daquella fazenda, no proprio terreiro ; já me vistes arrebatar a lebre na campina e o cabritinho no pasto ; já sabeis como se fixam as garras e se balança o vôo, quando se vae carregando a presa. Lembrai-vos do saboroso manjar que tantas vezes vos tenho servido — a carne humana.»

— «Explicai-nos, interrompeu o mais moço dos abutres, onde pode ser encontrado o homem, cuja carne é seguramente o alimento natural da nossa raça. Porque nunca trouxestes nas vossas garras um homem inteiro para o nosso ninho ?»

— «E' um animal muito corpulento e pesado, respondeu a velha ave de rapina. Quando encontramos um desses bichos, arrancamos aos poucos sua carne, mas deixamos os ossos no chão.

— «Si o homem é tão grande, perguntou um dos abutrezinhos, como podeis matal-o ? Receiaes tanto o lobo e o urso... Por que poder são os abutres superiores ao homem ? Dar-se-á o caso que este seja mais fraco que um carneiro ?»

— «Não temos a mesma força que o homem, respondeu o velho abutre, e algumas vezes chego a duvidar si temos a mesma astucia. E os abutres não poderiam talvez regalar-se tão frequentemente com sua carne, si a natureza não tivesse infundido na raça humana uma extranha ferocidade, que ainda não foi egualada por nenhum outro animal. E' muito commum encontrarem-se dous rebanhos de homens, e se aggredirem com um barulho infernal, no meio de espessa fumarada e relampagos de fogo. Quando ouvirdes um grande rumor e virdes na terra numerosos jactos de chammas, dirigi-vos para esse ponto em vôo rapido, porque seguramente os homens estão se massacrando uns aos outros ; encontrareis então o chão fumegante

de sangue, coberto de cadaveres, muito dos quaes já desmembrados e destrinchados para conveniencia do abutre.»

— «Mas quando o homem mata sua presa, perguntou um abutrezinho, porque não a devora logo ? Quando o lobo mata um carneiro, não consente que o o abutre se approxime da victima para tirar um pedaço. Não é o homem da mesma natureza do lobo ?»

— «O homem, respondeu a ave de rapina, é o unico animal que mata aquillo que elle não quer devorar ; e esta qualidade torna-o um bemfeitor da nossa especie.»

— «Si o homem mata nossa presa e a deixa no campo, atalhou um pequeno abutre, que necessidade temos de trabalhar ?»

— «Mas o homem algumas vezes permanece longos annos tranquillo em seu covil. Referem os velhos abutres ter havido um periodo de quarenta annos de paz !... Quando virdes um grande numero de individuos movendo-se justamente como um bando de cegonhas, podeis concluir que vão á caça e que em breve vos regalareis com carne humana.»

— «Mas afinal, retrucou um abutrezinho, eu desejaria saber a razão d'essa mutua carnificina ; pois quanto a mim, seria incapaz de matar aquillo que não pudesse comer.»

— «Meu filho, respondeu o velho, eis uma pergunta a que não posso satisfazer, embora tenha consultado aos mais sabios passaros da montanha. Quando eu era moço frequentava assiduamente o ninho de um velho abutre, que morava num rochedo dos Carpathos. Era um sabio, tinha feito muitas observações : sabia, num vastissimo circulo ao redor, o lugar onde as presas eram mais faceis de apanhar ; durante longos annos alimentou-se de entranhas humanas. Era sua opinião que o homem tem apenas a apparencia de vida animal, sendo realmente um vegetal dotado do poder de locomoção ; e assim como os galhos de um carvalho são ás vezes movidos pela tempestade, para que os porcos engordem com as bolotas cahidas, assim tambem os homens costumam aggredir-se uns aos outros, até que percam o movimento e sirvam de pasto aos abutres. Affirmam alguns terem observado uma especie de governo e policia entre estes seres malfazejos ; dizem outros que o chefe que dirige o rebanho deleita-se muito com esta inutil carnificina : quanto maior é o numero de mortos, maior é a sua alegria. São uns seres mysteriosos, incomprehensiveis, fóra das leis naturaes ; mas devemos ser-lhes gratos porque sempre nos têm fornecido deliciosos manjares. Agora, por exemplo, que explendido banquete para nós é a Europa !»

C.

HISTORIA NATURAL

— O' Chico. Sabes de que bicho é esta penna ?
— Isso ?... Isso é penna de perú ou de gallinha.
— Qual perú... Tu não vês logo ?... Isso é penna de espanador.

Baile no Hotel Hygino em Therezopolis, no sabbado d'aleluia, 3 do corrente

COMPRIMIDOS DE HYGIENE

O jejum é a morte do vicio, o grito da virtude, a fonte de todo vigor, um remedio a todos os males — São João Chrysostomo.

*

Manter-se asseiado é conservar intacto o patrimonio da saúde — Dr. Fourchon.

*

Os filhos dos ricos não herdam a gota de seus pais se não lhes herdam a fortuna — Dr. Brown.

*

Em quartos de crianças nada de cortinas nem de tapetes — Dr. Fleury.

*

O tomate é um fruto que convem particularmente aos artriticos e aos uraticos — Dr. Gautier.

*

Nada desenvolve tanto os instinctos brutaes e grosseiros como o uso da carne e do sangue — Belonino.

*

Quem come mais do que convem se alimenta menos do que é preciso — Sanctorius.

*

Para evitar o retardamento da nutrição, a obesidade, o artritismo, a arterio-sclerose e todas as suas ameaças, sejamos sobrios, extremamente — Dr. Fleury.

*

O homem que se conserva melhor é o que gasta menos com a sua subsistencia — Alibert.

*

O assucar é eminentemente nutriente; nenhuma de suas moleculas se perde, todas servem á nutrição — Dr. Magny.

*

Para afrontar o frio, nada mais efficaz do que o chá — Bobinet.

*

Uma infusão de chá acalma as convulsões do soluço — Aristide Royer.

*

Temperança, actividade, occupações regulares, simplicidade, eis todo o segredo de uma longa vida — Flourens.

*

Os casamentos tardios dão os resultados mais perniciosos para os filhos — Fonssagrives.

*

O ar que se respira é mais importante do que os alimentos que se absorvem — Galieno.

*

Adoptemos a hygiene, para não termos de nos submetter á terapeutica — Dr. Fleury.

E' a melhor cerveja !

ARCHIVO UNIVERSAL

Um gato aeronauta. — A 15 de fevereiro de 1784, pelas tres horas da tarde, Geilard de Chantelais fez subir um aerostato de papel. A rarefacção do ar foi produzida pela combustão de um rôlo de papel, com uma esponja no interior, tudo embebido em azeite, espirito de vinho e gordura. Suspendeu-se n'elle uma gaiola com um gato dentro. Em trinta e cinco minutos subiu tão alto, que apenas apresentava a apparencia de uma pequenina estrella. A's cinco horas foi encontrado em cima de umas arvores, á distancia de quarenta e tantas milhas de Mâcon, lugar onde tinha subido, de modo que percorreu vinte e poucas milhas por hora. O gato tinha morrido, mas ninguem poude explicar a causa de sua morte...

O dedo mais forte da mão. — O pollegar é não sómente o dedo mais forte, mas tem tanta força como todos os outros juntos. O annular tem, além dos musculos ordinarios, um especial que o impossibilita geralmente de permanecer direito quando se dobram os companheiros e é mais forte que o médio. O minimo tem movimentos mais independentes que qualquer dos outros. O indicador é o centro de rotação da mão e do ante-braço.

* * *

Baleia aerea. — Em 1816, Pauly, de Genebra, inventor da espingarda de embolo (*piston*), quiz estabelecer, em Londres, transportes aereos. Como ensaio construiu um balão, colossal, em fórma de baleia, como volume igual ao desse cetaceo. Mas não obteve resultado algum.

A GUERRA

O preparo do soldado inglez

Velocidade da pulga. — Segundo o naturalista allemão Oldhausen, o animal de andamento mais veloz é a pulga. Uma pulga póde percorrer aos saltos, naturalmente, 275 metros por segundo, ou sejam 16 kilometros e meio por minuto, 960 kilometros (150 leguas) por hora!

* * *

Mulher missionario. — Uma senhora de Chicago, miss Veronica Murphy, achou uma fórma, sem duvida inédita, de auxiliar a causa das missões catholicas nos Estados Unidos. Possuindo notavel talento de pianista e grande fortuna, realisa concertos em toda a America, deposita no Banco o dinheiro que ganha e, quando tem junta quantia sufficiente para a edificação de uma capella, entrega-a á Sociedade da propagação da fé catholica.

Estatistica biblica. — A Biblia contém 3.566.480 letras; 773.745 palavras; 31.173 versiculos; 1.189 capitulos e 66 livros. A letra E occorre 46.227 vezes. O meio exacto da Biblia é o versiculo 8 do Psalmo 118. O versiculo maior é o versiculo 9 do VIII capitulo de Esther. O mais curto é o versiculo 35 do capitulo XI de S. João. O mais antigo exemplar da Biblia, em hebreu, existia em Toledo e era conhecido pelo *Codex Hillel*. O mais velho exemplar em lingua grega é o do Vaticano, e parece ter sido escripto nos meados do seculo IV. A mais pequena edição da Biblia que se conhece foi feita na Universidade de Oxford, em 1875, e tem de comprimento duas pollegadas e meia. A primeira traducção da Biblia nas linguas occidentaes é a flamenga, de 1477. A primeira traducção portugueza foi a do padre João Ferreira d'Almeida, publicada em 1681.

Historia do leque. — O leque tem uma historia variada e notavel, tendo sido usado na mais remota antiguidade. Na India, os leques primitivos eram de folhas de palmeira, mas usavam-se tambem alguns feitos de rabo de «yak» (nome que no Thibet se dá a uma especie de boi com cauda de cavallo). Na Persia e entre os Arabes conheciam-se desde os primeiros seculos da era christã os leques de pennas de avestruz, muitos dos quaes traziam inscripções. Esse adorno era de uso muito commum na Grecia e em Roma, sendo mencionado nas obras de Euripedes, Virgilio, Ovidio, Propercio, Apuleyo, etc., e vendo-se frequentemente pintado ou esculpido nas pedras e vasos etruscos. Na Grecia deu-se-lhe, a principio, a forma de uma folha de platano; mais tarde, no quinto seculo antes de Christo, as mulheres adoptaram leques de pennas de pavão, que já eram usados na Asia Menor. Os primeiros leques japonezes eram de pennas: o rei de Thu-sieu offereceu ao imperador Ciaovang dois de «tsio» vermelho, e no livro dos «Ceuli» se diz que um dos carros da imperatriz levava um leque de pennas. Muito mais tarde appareceram os leques de seda branca, lisa ou bordada.

* * *

O maior lago artificial do mundo. — O maior lago artificial de toda a terra é um que se está construindo no Missuri (Estados Unidos). Quando terminado, occupará uma extensão de 856 kilometros quadrados. Antes desse, o maior lago artificial do mundo era o de Dhebar, a 35 kilometros de Udaipur (India), o qual cobre uma área de 38 kilometros quadrados.

Eduardo VII e as terças-feiras. — A terça-feira teve uma grande influencia na vida de Eduardo VII, pae do actual rei da Inglaterra. Nasceu elle numa terça-feira, 9 de novembro de 1842; numa terça-feira foi baptisado; casou-se numa terça-feira, 10 de março de 1863, e foi ainda numa terça-feira, 22 de janeiro de 1901 que succedeu no throno da Grã-Bretanha á sua gloriosa progenitora a rainha Victoria.

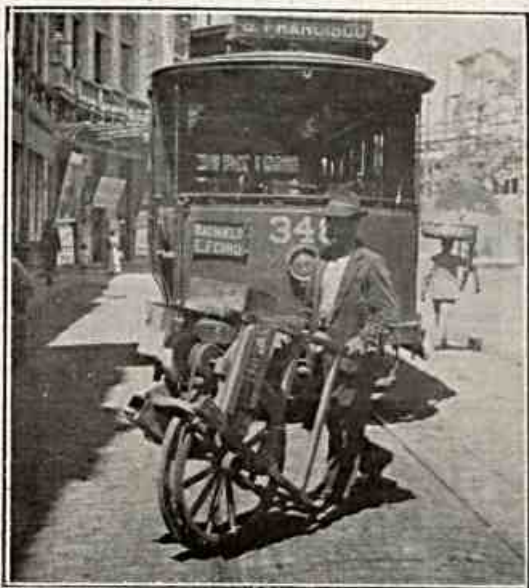
* * *

Bernardotte e o caminho dos burros. — Bernardotte commandava a divisão do exercito francez em Audernach, quando a um official que instava com elle para que subisse num aerostato, respondeu a rir: «Obrigado! Prefiro o caminho dos burros.» E por esse caminho chegou ao throno da Suecia.

Psychologia das mãos. — As mãos, segundo affirmam alguns especialistas, têm algumas fórmas fundamentaes que revelam o caracter do individuo. Entre essas varias fórmas, as mais notaveis são as das mãos «uteis», das mãos «philosophicas», das mãos «mixtas.» As mãos «uteis» são quadradas e angulosas e revelam uma mentalidade ordenada, methodica, de homem sério. Essas mãos denotam tambem intelligencia mediocre. As mãos «philosophicas» têm os dedos largos, cheios de nós, e a palma larga, elastica, com as pontas dos dedos um tanto conicas. A mão «psychica» é rara, bonita, pequena, com os dedos alongados, sem nós, harmoniosa. Caracterisa os idealistas. A mão «mixta», afinal é a que participa dos caracteristicos de todas as outras fórmas. Indica uma mistura dos habitos, das attitudes, dos defeitos e das qualidades mais variadas.

A GUERRA

O preparo do soldado inglez

FLAGRANTES

Amolam, mas não escrevem

O principe Danilo

O principe herdeiro do Montenegro, Danilo, é considerado por todos, um formoso rapagão, valente, atirado, muito estimado pelos seus futuros subditos.

Delle se conta a seguinte anedocta. Quando tinha uns 14 annos o soberano, o velho principe Nikhita ou Nicolau mandou contractar na Italia um celebre mestre d'armas para ensinar-lhe a esgrima. E' que já nesse tempo o sonho dourado dos montenegrinos era dilatar as suas fronteiras, arredondando os poucos kilometros quadrados de superficie do principado da Montanha Negra.

Veiu o mestre d'armas e quando viu o discipulo por esse tempo muito espigado, com umas longas e finas pernas, voltou-se para o rei dizendo-lhe:

— Não posso tomar conta do ensino de S. Alteza.

— Porque ? perguntou Nicoláo espantado.

— Porque para elle cahir a fundo tem que pôr um pé fóra dos Estados de V. A.

Um caipira a um pintor:

— O sr. está perdendo tempo em desenhar essa ponte velha.

— Ora essa ! Porque ?

— Porque d'aqui a um quarto de legua o senhor encontrará uma ponte de ferro, nova, e muito melhor.

IDEAS AMERICANAS

Um caipira goyano ao chegar ao Rio foi hospedar-se em casa de um conterraneo. A certa hora soou o tympano do telephone, e o dono da casa foi attender. O caipira prestou attenção á conversa, entre incredulo e admirado. Quando lhe explicaram que por aquelle apparelho se podia conversar com uma pessôa distante, através de um fio, o goyano sacudiu a cabeça com um gesto cuja psychologia é intraduzivel e disse:

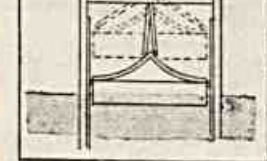
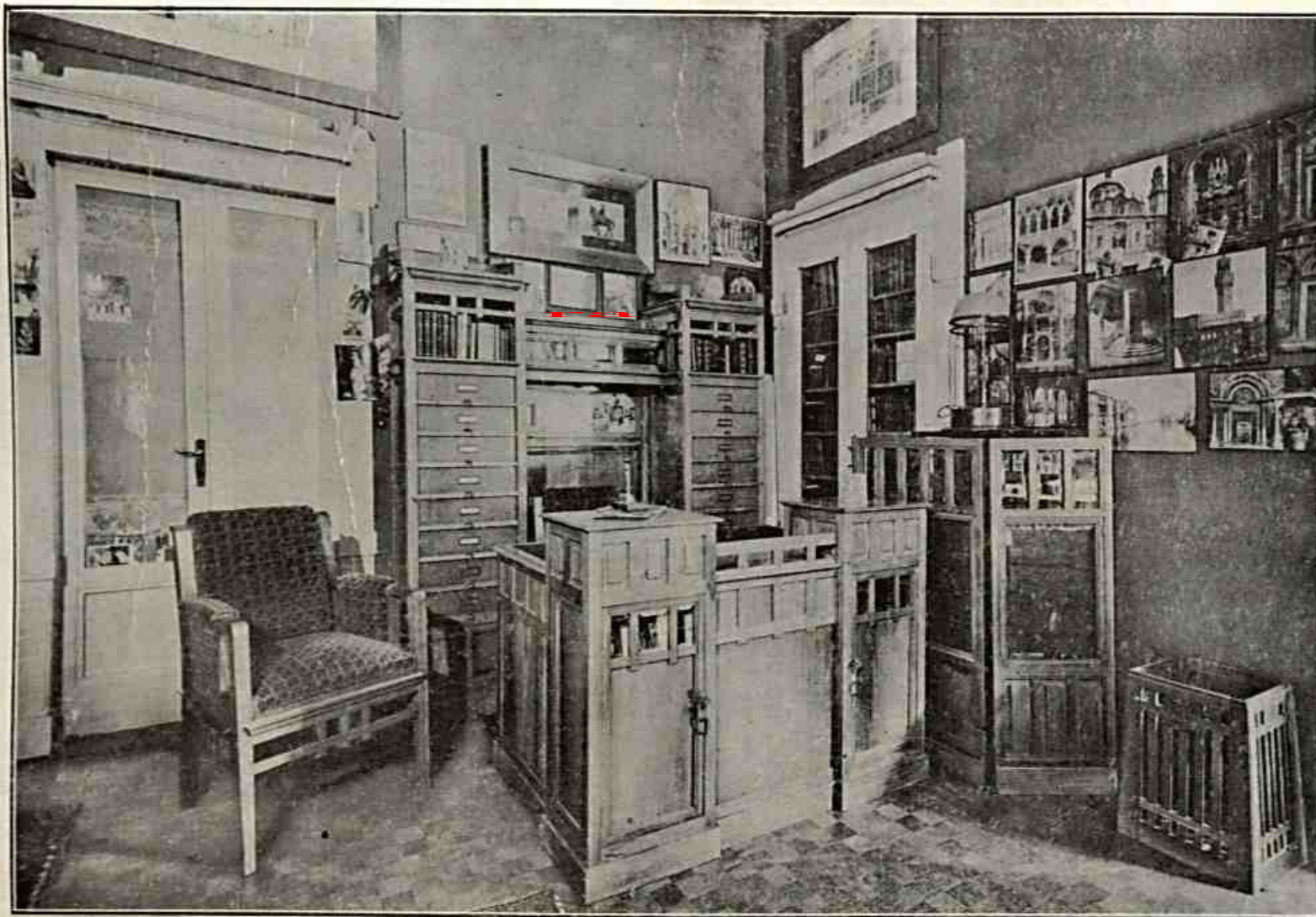
— «Qual ! E' deveras ! Esta gente não sabe mais o que ha de inventar...»

E' uma definição rude mas verdadeira da indole dos americanos, que inventaram não só o telephone, como muitas cousas mais. Os Estados Unidos são o paiz em que mais se inventa, e o unico, parece em que ha uma numerosa classe de inventores profissionaes.

Basta lêr um boletim do registro de patentes americanas, para vêr entre as engenhosas as mais extravagantes. Aqui vão algumas amostras.

Quem já se viu na contigencia de amamentar um bebê, sabe como é massante ficar um quarto de hora a segurar a mamadeira. Um americano pachorrento (se é que a idéa não partiu da sua mulher) teve a lembrança de melhorar esse estado de cousas, e inventou o suspensor de mamadeira que a gravura mostra e que dispensa explicações. A mamadeira é suspensa á altura da bocca da creança. Se quizer mamar, bem; se não quizer arranje-se.

A outra invenção é menos humanitaria. E' simplesmente um mata-mosca. Diocleciano, o imperador Romano que tanto perseguiu os christãos, comprazia-se em passar horas e horas a matar moscas com um estylete. Igual passa tempo se attribue ao nosso barão do Rio Branco, que as liquidava incruentamente com pingos de vella. Pois um compatriota do Sr. Woodrow Wilson que, ao que parece, cultiva tambem o sport de perseguir moscas, inventou o apparelho ao lado desenhado, e tirou delle privilegio. E' um apparelho pratico e é de presumir que, com seu uso, um individuo possa pegar mais de uma duzia de moscas por anno, se trabalhar doze horas por dia.

Mais util do que as anteriores é a solução que esta gravura representa do velho problema do aproveitamento da força das ondas. O incessante movimento das ondas representa uma grande porção de energia inteiramente perdida. Desde muito tempo que se pensa em aproveital-a. O apparelho que apresentamos contem um dispositivo verdadeiramente engenhoso, constante de um fluctuador preso a duas hastes articuladas, por meio das quaes se aproveita a energia do mar. Esse motor tem a particularidade de ser um dos cento e tantos que se inventam por anno nos Estados Unidos.

X.

As pessoas que nascem em abril

9 — Espirito malicioso, vivo, disputador.

10 — Serão muito credulas e confiantes, o que as prejudicará.

11 — Irasciveis, bulhentas, maldizentes e sempre descontentes.

12 — Terão que luctar contra inimigos encarniçados.

13 — Serão dominadas pelo amor do dinheiro, egoistas e de coração duro aos males alheios.

14 — Violencia de caracter.

15 — Alto destino, grandes celebridades ou fortuna.

16 — Terão sorte na idade madura.

17 — Grande propensão ás brigas e aos prazeres.

Poisson d'Avril

— Meus senhores, disse o Emilio, chegando a uma roda na *terrasse* do Castellões, vou dar-lhes uma espantosa noticia.

— Qual é ?

— O celebre banqueiro lord Rotschild acaba de perder toda a sua fortuna.

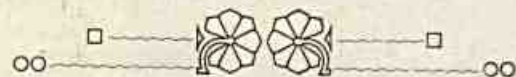
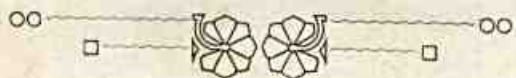
— Impossivel ! Mais depressa viraria o mundo ás avessas. Fortuna com bases tão solidas não se pode perder.

— Pois é o que lhes digo. Perdeu-a todinha.

— Mas de que maneira ?

— Morrendo, ora essa é muito boa !

TELEGRAMMA

Roma, 16 — Partiram para Vienna dous altos commissarios encarregados de convencer o imperador Francisco José de que mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga, isto é, de que devia ceder á Italia uma parte do seu territorio para indemnizal-a das grandes despezas que tem feito até agora com a conservação de uma porção de soldados em pé de guerra, com um poderio tão formidavel que até a terra anda a tremer de medo. Espera-se a resposta do velho soberano afim de ver se a Italia mantem-se neutra, feminina ou masculina.

Entrevista opportuna

Tendo visto na secção social dos jornaes a noticia de que «se acha entre nós, vinda do interior, para tratar de negocios, a respeitavel senhora Lavoura, que conta as melhores relações na nossa sociedade», procuramos entrevistal-a, o que não nos foi difficil conseguir.

A digna senhora se achava hospedada em uma hospedaria suspeita da Saúde.

— Mas a senhora num logar deste? disse o homem da *Careta*.

— Que quer, meu amigo? E' a crise. As minhas condições são muito precarias, o que não é segredo para ninguem. Não podendo pagar dez mil réis de diaria em um hotel regular me aboletei nesta estalagem. Mas não demorarei aqui muito porque estarei de volta por estes dias.

— Imagino que já deve estar cansada das visitas e das attenções do governo e dos politicos...

— E' um engano. Elles falam muito na Lavoura em discursos, plataformas e entrevistas com os jornaes. Mas é tudo fita. No fundo não querem saber de mim. Não me ligam attenção, apesar de ser eu uma senhora velha, rheumatica, e que tanto tenho contribuido para sustental-os e dar-lhes os seus subsidios e vencimentos e o luxo de que gosam.

— De modo que a senhora regressa desanimada.

— Completamente. Vou terminar as minhas colheitas. Como o senhor sabe metade da minha producção cada anno vai para pagar trabalhadores e a outra metade para impostos e tarifas. O que me sobra mal chega para o rapé...

— A senhora toma rapé?

— Que hei de fazer? Cada qual tem seu vicio. Eu não posso beber, porque o champagne é muito caro, só está ao alcance de quem vive dos impostos e não de quem os paga. Os outros vinhos são muito caros. Não tenho dinheiro para pagar. Não posso fumar, porque o fumo com os novos impostos está pela hora da morte. Tenho assim de me resignar ao rapé. Quer uma pitada?

— Não senhora, obrigado. E quando parte?

— Amanhã, pela Central, de segunda classe. Vou liquidar os meus negocios, apurar o que poder e volto para me estabelecer aqui.

— Com que genero de negocio, se não é indiscreção?

— Com uma banca de bicho.

— Uma banca de bicho?

— Sim senhor. E' a unica industria no nosso paiz que não está perseguida de tributos, que não está esmagada de impostos, a unica que prospera. Eu já estou cansada de trabalhar para o governo e para o colono. Quero agora trabalhar um pouco tambem para mim.

— Posso dar essa noticia?

— Pode. Pode annunciar que pretendo abrir brevemente uma casa de bicho no becco das Cancellas, e que conto com a freguezia dos politicos, em pagamento do quanto tenho feito por elles.

E despedimo-nos da Lavoura, que veiu, se arrastando até o topo da escada. Como está acabada!

X.

MAPPA DA GUERRA

OS DARDANELLOS

AO PÉ DA LETRA

Ha dias, n'um salão, um grupo de moças conversava n'uma roda em que se achava um General, veterano do Paraguay, glorioso por feitos de verdadeiro merito nacional.

Uma das moças, desejando troçar o general, perguntou-lhe:

— E' verdade o que me disseram uma vez a respeito das suas opiniões sobre as mulheres?

— A que opinião se refere, minha senhora?

— Disseram-me que o general está persuadido de que o mesmo é sitiar uma mulher, que uma praça forte?

— Eu não disse tal, mesmo porque nunca tive occasião de sitiar praças: mas se as sitiasse obrigal-as-ia a se render pela fome.

— Que crueldade!

— Oh! fique descansada, minha senhora; eu seria incapaz de uzar o mesmo processo, em se tratando de uma senhora.

ASSOCIAÇÃO DE TEMPERANÇA

(Aleko Konstantinoff)

Taky Byradjiato dormia ainda, posto que ha muito o sol houvesse penetrado pelas janellas empoeiradas do seu aposento. Gradualmente os raios amarellos attingiram-lhe os pés, subiram pela barriga, bateram-lhe no queixo, depois no labio inferior, um verdadeiro labio de beberrão sempre secco e fendido. No momento mesmo que attingiram-lhe os dentes, o correio bateu á porta tres pancadas discretas, tão discretas que Taky perdido em seus sonhos não as escutou. E' que na vespera, *pae* Taky, negociante de cerveja como era, fizera provar seu producto a varios freguezes e por isso mesmo tivera tambem de experimental-a varias vezes.

E' por isso que o correio teve de bater novamente á porta, dessa vez com pancadas menos discretas, acabando por um verdadeiro *charivari* com os punhos cerrados e as grossas botas, charivari que seria capaz de despertar *pae* Taky embora elle tivesse no bucho uma pipa de cerveja.

Pae Taky abriu os olhos, tornou a fechal-os deslumbrado pela luz do sol e perguntou com voz rouca:

— Quem está ahi?

— E' o correio, responderam-lhe.

Deu volta ao fecho o empregado postal, introduziu-se no quarto, marchou a grandes passadas até a cama, entregou a carta e apressou a retirada afflicto por escapar á athmosphera suffocante que ali reinava.

Pae Taky tossiu um pouco, como de costume, esfregou os olhos e abriu a carta. Dizia o seguinte:

«Estimado senhor,

Peço-lhe comparecer hoje, domingo, ás 5 horas da tarde, no armazem "Vinhos de Soukindol".

Ordem do dia: Fundação de uma associação de temperança.

Com o maior respeito e consideração

(*Assignado*) TANASS DOTCHOLOU

Taverneiro

O convite, na verdade, vinha mesmo a calhar. As guelas seccas e os labios gretados de *pae* Taky advogavam calorosamente a causa da Associação de Temperança. Estava afflicto para que chegasse as cinco horas afim de tomar lugar entre os mais zelosos membros da nova sociedade. Durante o dia inteiro só bebeu agua absorvendo dous copos de vinho para tirar-lhe o máo gosto.

A's 5 horas transpoz a entrada do grande armazem "Vinhos de Soukindol".

— Pae Tanass está? perguntou ao caixeiro que estava de pé ao balcão.

— Pode entrar. Já ha muita gente no salão, respondeu respeitosamente o caixeiro abrindo uma porta ao fundo.

O taverneiro Tanass Dotcholou recebeu o collega com a maior affabilidade e convidou-o a tomar lugar. Varios sujeitos aos quaes fascinara a generosa idéa da futura sociedade já lá estavam em cadeiras encostadas ás paredes.

Pae Taky cumprimentou todos com urbanidade e o silencio fez-se de novo, só a espaços interrompido por algum ataque de tosse. Comprehendia-se perfeitamente que a Assembléa esperava por alguem sem o qual não se ousava dar começo aos trabalhos. Após um lapso de tempo assás curto, abriu-se a porta de novo. Dotcholou correu para verificar se era o esperado hospede, mas de repente voltou-se com os signaes da mais profunda decepção pintados no rosto. Na sala penetrou, no meio da estupefacção geral, Danko Harsazina, o bebado. Entrou e abriu a bocca para dizer qualquer cousa. De Danko só se poderia esperar uma porção de pragas; mas vendo que ninguem estava disposto a prestar-lhe attenção, resignou-se a guardar silencio.

Passaram-se mais alguns minutos e (o Senhor seja louvado!) o caixeiro precipitou-se na sala impectuosamente gritando:

— Eil-o que chega! Eil-o que chega!

Todos se ergueram. As portas pareceram abrir-se por si mesmas, deante do glorioso recem-chegado e desempenando toda a sua elevada estatura appareceu *pae* Canu dos Balkans em pessoa.

— Oooh! Viva elle! gritou elle com transporte.

E sem haver necessidade de mais explicações toda a gente comprehendeu que o viva era dirigido á nova sociedade.

— Viva! respondeu a assembléa como um echo fiel; e cada um por seu turno veiu apertar a mão de *pae* Canu. Danko Harsazina, sempre familiar, chegou mesmo a dar-lhe umas palmadinhas nas costas, mas um olhar severo de *pae* Canu lembrou-lhe a necessidade de guardar as conveniencias.

— Não fique zangado *pae* Canu, murmurou o taverneiro. Danko em todo a parte é sempre a mesma cousa — um verdadeiro garoto.

Emfim abriu-se a sessão. Ah! meus caros leitores se estivesseis lá! Terieis visto pae Canu abrir a sua boquinha. E depois della aberta que duvida vos assaltaria. Era um homem a falar ou um rouxinol a cantar? Ninguem o sabe. Haverá no mundo alma tão depravada que não se deixe persuadir por semelhantes argumentos? Mostrar as vantagens da fundação da sociedade foi para elle simples brincadeira. Se elle poderia, se o quizesse convencer-vos que vosso pae Mussala e vossa mãe Witocha!... Por isso a discussão foi rapida. Todos accordaram em fundar uma Associação de Temperança. Só Danko Harsazina, ficou incredulo, como o apostolo São Thomé, sorrindo por traz dos seus fartos bigodes e mastigando de quando em quando algumas fracas objecções. Mas deixaram-n'o ás voltas com o bigode e passaram a tratar da sociedade. Baptisaram-n'a por decisão unanime *Associação de Temperança* e o mestre-escola foi encarregado de redigir-lhe os estatutos. Quizesse elle ou não, era obrigado a redigil-os, pois que fora elle o primeiro a pregar os beneficios da temperança. Depois de tudo isso, como é de regra desde tempos immemoriaes, procedeu-se á eleição de Conselho Administrativo.

Presidente? Pae Canu (naturalmente).

Vice-presidente? Tanass Dotcholou (seu titulo de taverneiro indicava-o naturalmente para o cargo).

Thesoureiro? Pae Taky?

— Presente.

Mas desde que o mundo é mundo onde é que se viu uma eleição sem que os eleitores bebessem alguma cousa?

Como dono da casa, o vice-presidente sentiu sobre elle pesar todo o rigor do dever. Chamou o caixeiro e ordenou-lhe:

— Depressa! Traze dez litros... do velho, hein?

Veio o vinho.

Seria verdadeiramente vinho, o vinho de Soukindol que canta nos copos como todas as fontes de aguas vivas da montanha, mais transparente elle mesmo do que o crystal?

O diabo leve os que ousassem affirmal-o.

Os brindes começaram:

— A' tua saude! Que ella seja sempre boa!

— Viva o presidente! Hurrah!

— Obrigado, meu povo! Viva S. Alteza Real e o nosso Respeitavel Governo!

— Hurrah!

— Abaixo a bebedeira e os bebados!

— Hurrah! Hurrah! Hurrah!

E *pae* Canu com o copo á altura dos olhos bebia sempre. Ao seu lado Tanass Dotcholou e *pae* Taky acompanhavam-n'o sem tomarem folego. Os brindes triplicaram, quadruplicaram, multiplicaram-se tanto por fim que a noite chegou...

Já era bem tarde quando passando com um amigo pela rua *Tchista Rabota* ouvi grande barulho ahi pelas alturas do armazem "Vinhos de Sukindol". Excitou-se a nossa curiosidade. Na pontinha dos pés, entramos e atravez do postigo aberto na porta pudemos contemplar um espetaculo pouco commum.

Derrubado sobre as poltronas e alguns mesmo (horror!) deitados sobre a mesa, diversos membros da assembléa roncavam, olhos fechados e punhos cerrados. *Pae* Taky com os braços cruzados sobre o ventre enorme, respirava ruidosamente pelo nariz, balançando a cabeça de cá para lá com os olhos semi-cerrados. Um sujeito comprido e fino vestido com um paletot já no fio virava-se para todos os lados berrando com todos os seus pulmões:

— Eu sou contra as machinas! Podem dizer o que quizerem mas sou absolutamente contra as machinas!

Perto da mesa Dotcholou com o auxilio do caixeiro annotava em um grande livro as despezas do dia. *Pae* Canu, batendo sobre a meza com toda a força, com olhares cheio de ferocidade, vociferava:

— Pois é! Hei de fazel-o comprehender por fim quem é essa personalidade conhecida por *pae* Canu dos Balkans!

Danko Harsazina enthusiasmado por essa eloquencia fazia côro com elle.

— De certo. Diga-me uma coisa, pae Canu, a quem é que eu devo botar para fora a ponta pés?

O caixeiro com a vela na mão queria ir-se embora.

Meu camarada fel-o parar.

— Diga-me, uma cousa, rapaz, o que faz aqui todo esse pessoal?

— Isto é uma Associação de Temperança, meu caro senhor, respondeu elle com emphase e com inflexão de profundo respeito.

* * *

ALEKO KVANITZOW KONSTANTINOFF, nasceu em Sistovo, Bulgaria, em 1863. Foi educado na Rússia, no gymnasio de Nicolaiew. — Em 1822 publicou uma collecçào de poesias, bem recebidas pelo publico. Traduziu para o búlgaro as obras primas da literatura russa. — Viajou toda a Europa e quando de volta á patria publicou sua obra prima «Pae Canu dos Balkans» especie de D. Quichote búlgaro, typo que ficou popularissimo encarnando os vicios e virtudes do povo búlgaro. Foi a America e escreveu uma obra encantadora «Chicago, ida e volta.» Foi como jornalista que se tornou celebre, attrahindo com os seus artigos tal odio dos seus adversarios que foi assassinado na cidade de Petchera, em 11 de Maio de 1897.

Uma d'«elle»

Falava-se de um sujeito que depois de gozar a larga, a vida, empobrecera de repente. O Xuxú que estava presente perguntou :

— E elle tem filhos ?

— Não, responderam-lhe.

— Ah ! Tanto melhor para elles.

WALKER

LONDRES

Grande variedade de carteiras de folhas soltas, bloks permutaveis, archivos para notas, livros de apontamentos para viagem, pastas para correspondencia, bloks-carta e *um sem numero* de artigos de novidades para escriptorio, dos Afamados fabricantes

LONDRES

CASA STANDARD